

Toda  
Poesia

Paulo  
Leminski



---

COMPANHIA DAS LETRAS

Toda  
Poesia

Paulo  
Leminski



COMPANHIA DAS LETRAS

## **sumário**

*apresentação* — ALICE RUIZ S

### **quarenta clics em curitiba** [1976]

#### **caprichos & relaxos** [1983]

*caprichos & relaxos (saques, piques, toques & baques)*

*polonaises*

*não fosse isso e era menos não fosse tanto e era quase*

*ideolágrimas*

*sol-te*

*contos semióticos*

*invenções*

### **distraídos venceremos** [1987]

*distraídos venceremos*

*ais ou menos*

*kawa cauim — desarranjos florais*

### **la vie en close** [1991]

#### **o ex-estranho** [1996]

*o ex-estranho*

*parte de AM/OR*

### **winterverno** [2001]

#### **poemas esparsos**

*nota sobre leminski cancionista* — JOSÉ MIGUEL WISNIK

*apêndice*

## apresentação

*Alice Ruiz S*

Este livro é antes de tudo uma vida inteira de poesia. Uma vida totalmente dedicada ao fazer poético. Curta, é verdade, mas intensa, profícua e original.

A análise crítica, melhor deixá-la aos especialistas; aqui, me compete lembrar a história/vida dos livros que enfim compõem este livro único.

Um dos primeiros poemas do Paulo, talvez mesmo o primeiro, foi escrito em latim, na segunda infância, nos tempos em que ele estudou no Internato Paranaense. A convivência precoce com o clero lhe deu ímpetos de clausura, mais pelo facilitado recolhimento que é tão propício ao estudo dos movimentos da alma e das riquezas da palavra do que propriamente pela fé religiosa. Não que ela não estivesse presente, mas havia também uma energia viril, aquela que nos faz querer conquistar o mundo e absorver o que ele tem para ensinar. Assim, a clausura durou pouco, como qualquer arroubo da adolescência, mas foi suficiente para deixar raízes, pois o amor pelo conhecimento, uma vez despertado, não se apaga facilmente.

A primeira vez que vi o Paulo foi na entrega dos prêmios de um concurso de poesia em Curitiba. Todos os poemas premiados eram lidos por seus autores e o dele foi o único que me disse algo de inovador e contundente. Uma dicção tão original deve ter ultrapassado a capacidade de apreciação do júri, na época, mas aquele poema de construção impecável não poderia passar em branco. Assim, aquele que merecia o primeiro lugar levou apenas uma menção honrosa. O tempo haveria de corrigir esse equívoco, já que os primeiros lugares daquele concurso não estão em nenhum lugar especial hoje, bem diferente dele.

Quatro anos depois, fui levada por amigas ao seu aniversário de 24 anos.

Nosso primeiro assunto foi poesia. O último também.

Passamos a maior parte da festa em seu escritório e quase fui soterrada por uma profusão de palavras, ideias e projetos (o *Catatau*, por exemplo, tinha apenas oito páginas e ainda se chamava *Descartes com lentes*). Falamos de autores que nós dois já admirávamos, e ele me apresentou os “haikaístas” e os poetas concretos, que eu desconhecia. Enquanto isso, eu, recém-chegada do Rio de Janeiro, onde vivera por dois anos, lhe apresentei o que a música popular brasileira estava produzindo de mais novo (em todos os sentidos), particularmente o Tropicalismo, que ainda não o tinha tocado.

Assim como o amor, a poesia e a música foram crescendo em nossa vida em comum.

Em 1976, quando o fotógrafo Jack Pires chegou com a proposta de fazer um livro em conjunto com Paulo, espalhamos as fotos dele pelo chão e fomos procurando, entre os poemas curtos, quais conversavam ou rimavam com aquelas imagens. Foi assim que nasceu a primeira publicação de uma pequena parte de sua poesia, o *Quarenta clics*, editado em Curitiba.

Em 1980 foi a vez de *Não fosse isso e era menos não fosse tanto e era quase*, uma edição primorosa, iniciativa e presente dos amigos Dico Kremer, Márcio Santos e

Nego Miranda, donos do estúdio fotográfico ZAP, que fizeram um trabalho fotográfico de ampliação da tipologia de sua Remington anos 40. A impressão foi obtida por meio de uma troca de serviços com gráficas parceiras.

A ideia de permuta, Paulo a absorveu e utilizou para fazer, no mesmo ano, seu terceiro livro “independente” de poemas: *Polonaises*. Uma homenagem às suas raízes, na tipologia do Solidarność (Solidariedade), movimento revolucionário/operário liderado por Lech Valesa, que estava acontecendo na Polônia naquela época.

Um dos problemas das edições independentes era decidir o que fazer com as tiragens inteiras, que ficavam com os autores. Em 1983, com a casa tomada por mais de mil exemplares de cada um desses três livros, mais a edição do *Catatau* (também independente), mais as edições de dois livros meus, e restritos ao mercado curitibano — não vendíamos, presenteávamos amigos —, soubemos que a editora Brasiliense tinha também uma livraria em São Paulo, onde era possível colocar à venda alguns livros feitos “fora do eixo”.

Enviamos um exemplar de cada livro para Luiz Schwarcz, na época braço direito do Caio Graco Prado e responsável por inovadoras coleções como Encanto Radical e Primeiros Passos, entre outras. Luiz nos ligou, agradecendo e perguntando se tínhamos inéditos, pois um material novo daria mais vida à reunião dos já existentes. Assim nasceu a primeira edição nacional de cada um.

*Caprichos & relaxos* foi o nome que o Paulo encontrou para reunir esses primeiros poemas, em que está presente um viés lúdico, mas sem abrir mão do rigor. Um nome denúncia e receita, ao mesmo tempo. O livro saiu em 1983.

Em seguida veio *Distraídos venceremos*, em 1987. O nome remete, de certa forma, ao livro anterior, aparentemente com uma pitada de esperança, embora o teor dos poemas aponte para um maior ceticismo.

Paulo começou a selecionar a produção seguinte baseado em um novo critério, ou melhor, destacando um estilo novo que começava a se esboçar. O que ele chamava de “parnasiano chique” iria para o *La vie en close* e os demais, meio sem um lugar definido ainda, foram para uma pasta que ele batizou de *Ex-estranho*, um livro que seria pensado mais tarde. Mas não havia mais tarde, e isso já estava anunciado nos títulos escolhidos por ele. O “estranho”, que é como o poeta se sente dentro do mundo prático, em breve será “ex”. E a vida que se fecha/encerra parece enfim entrar em foco, destacar apenas o que é essencial: *La vie en close*.

Terminada a seleção, que acompanhei de perto, ele me pediu para cuidar dos seus inéditos, e me encarregou de encaminhá-los para o Caio e/ou ao Luiz, caso o Paulo não tivesse tempo suficiente. Caio editou *La vie en close*. Samuel Leon, da editora Iluminuras, além das prosas, editou *O ex-estranho* e *Winterverno*, livro com poemas curtos do Paulo e imagens de João Virmond Suplicy Neto. E agora toda a poesia volta às mãos do Luiz Schwarcz, através da Companhia das Letras.

Esses livros são diferentes entre si, mas têm a mesma marca de sua escrita poética. Raízes na poesia concreta e na síntese, na experimentação e no coloquial. O mesmo compromisso com duas coisas aparentemente excludentes: a inovação e o afã de

comunicar, de dizer. Um dizer repleto da consciência da necessidade do silêncio. Talvez por essas e outras razões sua poesia continue tão atual e ainda converse com o futuro.

E agora, enfim reunida, pode oferecer uma visão total do que foi a poesia para Leminski e do que é Leminski para a poesia.\*

\* Aqui, a totalidade dos versos já publicados em livro. (N. E.)

**quarenta  
clics em  
curitiba  
[1976]**

## **nota do editor**

Publicado em 1976 pela editora Etecetera em forma de portfólio, *Quarenta clics em Curitiba* combinava fotos de Jack Pires e poemas de Paulo Leminski. Conforme diz Leminski na introdução da obra, “Nenhum texto foi escrito para uma foto. Foi buscada a relação/contradição texto/foto. Os poemas estavam prontos já”. Dado que os poemas são anteriores às fotos, optamos por reproduzir aqui apenas os textos, sem as imagens.

Alguns poemas de *Quarenta clics* constam de *Caprichos & relaxos* e *La vie en close*, com pequenas modificações. Nesses casos, optamos por mantê-los apenas nos livros posteriores, mais representativos da obra de Leminski, em sua versão definitiva.



Compra a briga das coisas  
Gigante em vão  
Contra a parede branca  
Prega a palma da mão

•  
Uma vida é curta  
para mais de um sonho

••  
Será preciso  
explicar o sorriso  
da Mona Lisa  
para que você  
acredite em mim  
quando digo  
que o tempo passa?

••  
o critério  
“atitudes estranhas”  
não dá  
para condenar pessoas  
criaturas  
com entranhas

•  
Quem me dera  
um mapa de tesouro  
que me leve a um velho baú  
cheio de mapas do tesouro

••  
Fechamos o corpo  
como quem fecha um livro  
por já sabê-lo de cor.  
Fechando o corpo  
como quem fecha um livro  
em língua desconhecida  
e desconhecido o corpo  
desconhecemos tudo.

••  
Só mesmo um velho  
para descobrir,  
de trás de uma pedra,  
toda a primavera.

•  
O tempo todo caminha.  
Se para,

acompanha-se  
de uma só linha  
era uma vez  
era uma vez  
era uma vez

•  
Domingo  
Canto dos passarinhos  
Doce que dá para pôr no café

•  
Gente que mantém  
pássaros na gaiola  
tem bom coração.  
Os pássaros estão a salvo  
de qualquer salvação.

••  
Ruas cheias de gente.  
Seis horas.  
Comida quente.  
Caçarolas.

•  
Hesitei horas  
antes de matar o bicho.  
Afinal,  
era um bicho como eu,  
com direitos,  
com deveres.  
E, sobretudo,  
incapaz de matar um bicho,  
como eu.

•  
Pense depressa.  
O que veio?  
Quem vem?  
Bonito ou feio?  
Ninguém.

•  
os dentes afiados da vida  
preferem a carne  
na mais tenra infância  
quando  
as mordidas doem mais  
e deixam cicatrizes indeléveis  
quando

o sabor da carne  
ainda não foi estragado  
pela salmoura do dia a dia  
é quando  
ainda se chora  
é quando  
ainda se revolta  
é quando  
ainda

•••  
corpo entortado  
contra o frio  
saco às costas — vazio  
está roubando o vento?

•  
Amigo  
Inimigo  
Nada tive com o mar  
Nem ele comigo  
Fui homem de seco  
Hoje posto a secar  
Neste beco

••  
O olho da rua vê  
o que não vê o seu.  
Você, vendo os outros,  
pensa que sou eu?  
Ou tudo que teu olho vê  
você pensa que é você?

•••  
Frutas que só ficam  
Maduras depois de colhidas  
Minhas velhas conhecidas

•••  
Já não chove  
Pessoas molham passos  
As ruas pesadas

•  
isso?  
aqui?  
já?  
assim?

•  
Amando,  
aumenta

até duas mil vezes  
o tamanho.

Depois de hoje  
a vida não vai mais ser a mesma  
a menos que eu insista em me enganar  
aliás  
depois de ontem  
também foi assim  
anteontem  
antes  
amanhã

isso aqui  
acaso  
é lugar  
para jogar sombras?

quem é vivo  
aparece sempre  
no momento errado  
para dizer presente  
onde não foi chamado

o silêncio  
se mete a maltratar  
me ditando  
abreviaturas de mim  
e,  
quem sabe,  
a mim mesmo me dilatando

tem quem se proteja  
por trás  
de uma barragem  
de bons dias  
boas tardes  
boas noites  
assim não tendo  
que ver o que está passando

Como é que a noite vira dia?  
O dia vira noite?  
Só vendo.

Tudo que sabemos.

o tempo  
entre o sopro  
e o apagar da vela

Achar  
a porta que esqueceram de fechar.  
O beco com saída.  
A porta sem chave.  
A vida.

O tempo fica  
cada vez  
mais lento  
e eu  
lendo  
lendo  
lendo  
vou acabar  
virando lenda

Ainda vão me matar numa rua.  
Quando descobrirem,  
principalmente,  
que faço parte dessa gente  
que pensa que a rua  
é a parte principal da cidade.

de repente descobri  
não digo américa nem pólvora  
obra de tantos  
conta perdida  
ficar na ponta dos pés  
além de nobre exercício  
a mais sábia medida  
para subir na vida

este dia  
este perverso dia  
que veio depois de ontem

**caprichos  
& relaxos  
[1983]**

## **nota do editor**

*Caprichos & relaxos*, lançado em 1983 pela editora Brasiliense, reúne quase toda a poesia escrita por Leminski até aquela data. Duas das sete seções do volume já haviam sido publicadas como livros: *Polonaises* (1980), produção independente, e *Não fosse isso e era menos não fosse tanto e era quase* (1980), edição oferecida a Leminski como presente pelos amigos do estúdio ZAP de fotografia.

Os poemas da seção “Invenções” também já haviam saído nos volumes 4 (dezembro de 1964) e 5 (dezembro de 1966) de *Invenção: Revista de Arte e Vanguarda*, iniciativa do grupo concretista que logo adotou Leminski: Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari. No apêndice deste volume, reproduzimos a apresentação de Haroldo de Campos e o texto de quarta capa de Caetano Veloso, que integram a primeira edição de *Caprichos & relaxos*.

*Aqui, poemas para lerem, em silêncio,  
o olho, o coração e a inteligência.  
Poemas para dizer, em voz alta.  
Poemas, letras, lyrics, para cantar.  
Quais, quais, é com você, parceiro.*



**caprichos & relaxos**  
**(saques, piques, toques & baques)**

de como  
o polaco jan korneziowsky  
botou a persona/fantasia  
de joseph conrad  
e virou lord jim/childe harold

um dia desses quero ser  
um grande poeta inglês  
do século passado  
dizer  
ó céu ó mar ó clã ó destino  
lutar na índia em 1866  
e sumir num naufrágio clandestino



## **contranarciso**

em mim

eu vejo o outro

e outro

e outro

enfim dezenas

trens passando

vagões cheios de gente

centenas

o outro

que há em mim

é você

você

e você

assim como

eu estou em você

eu estou nele

em nós

e só quando

estamos em nós

estamos em paz

mesmo que estejamos a sós

...

o p que

no pequeno &

se esconde

eu sei por q

só não sei

onde nem e

...

sobre a mesa vazia

abro a toalha limpa

a mente tranquila

palavra mais linda

aqui se acaba

a noite mais braba

a que não queria

virar puro dia

somos um outro

um deus, enfim,

está conosco

•

## **cesta feira**

oxalá estejam limpas  
as roupas brancas de sexta  
as roupas brancas da cesta  
oxalá teu dia de festa  
cesta cheia

    feito uma lua  
toda feita de lua cheia  
no branco  
    lindo  
teu amor  
    teu ódio  
        tremeluzindo  
            se manifesta

tua pompa  
tanta festa  
tanta roupa  
    na cesta  
        cheia  
            de sexta

oxalá estejam limpas  
as roupas brancas de sexta  
oxalá teu dia de festa

...  
mesmo  
na idade  
de virar  
eu mesmo  
ainda  
confundo  
felicidade  
com este  
nervosismo

...  
eu  
quando olho nos olhos  
sei quando uma pessoa  
está por dentro  
ou está por fora  
quem está por fora  
não segura  
um olhar que demora  
de dentro do meu centro

este poema me olha

.

## **desmontando o frevo**

desmontando  
o brinquedo  
eu descobri  
que o frevo  
tem muito a ver  
com certo  
jeito mestiço de ser  
um jeito misto  
de querer  
isto e aquilo  
sem nunca estar tranquilo  
com aquilo  
nem com isto  
de ser meio  
e meio ser  
sem deixar  
de ser inteiro  
e nem por isso  
desistir  
de ser completo  
mistério  
eu quero  
ser o janeiro  
a chegar  
em fevereiro  
fazendo o frevo  
que eu quero  
chegar na frente  
em primeiro  
•  
aves  
    de ramo  
        em ramo  
meu pensamento  
    de rima  
        em rima  
            erra  
até uma  
    que diz  
        te amo  
••  
das coisas

que eu fiz a metro  
todos saberão  
quantos quilômetros  
são  
aquelas  
em centímetros  
sentimentos mínimos  
ímpetus infinitos  
não?

\* .  
girafas  
africanas  
como meus avós  
quem me dera  
ver o mundo  
tão do alto  
quanto vós

..  
Quem nasce com coração?  
Coração tem que ser feito.  
Já tenho uma porção  
Me infernando o peito.  
Com isso ninguém nasça.  
Coração é coisa rara,  
Coisa que a gente acha  
E é melhor encher a cara.

.  
não sou o silêncio  
que quer dizer palavras  
ou bater palmas  
pras performances do acaso  
sou um rio de palavras  
peço um minuto de silêncios  
pausas valsas calmas penadas  
e um pouco de esquecimento  
apenas um e eu posso deixar o espaço  
e estrelar este teatro  
que se chama tempo

.  
minha mãe dizia  
— ferve, água!  
— frita, ovo!  
— pinga, pia!  
e tudo obedecia

ali  
só  
ali  
se  
se alice  
ali se visse  
quanto alice viu  
e não disse  
se ali  
ali se dissesse  
quanta palavra  
veio e não desce  
ali  
bem ali  
dentro da alice  
só alice  
com alice  
ali se parece

nada tão comum  
que não possa chamá-lo  
meu  
nada tão meu  
que não possa dizê-lo  
nosso  
nada tão mole  
que não possa dizê-lo  
osso  
nada tão duro  
que não possa dizer  
posso

parar de escrever  
bilhetes de felicitações  
como se eu fosse camões  
e as ilíadas dos meus dias  
fossem lusíadas,  
rosas, vieiras, sermões

Bom dia, poetas velhos.  
Me deixem na boca  
o gosto de versos  
mais fortes que não farei.



Dia vai vir que os saiba  
tão bem que vos cite  
como quem tê-los  
um tanto feito também,  
acredite.

...•  
enxuga aí  
vê se enxerga  
essa lágrima  
eu deixei cair  
examina  
examina bem  
vê se não é  
água da pedra  
ouro da mina  
essa gotadágua  
minha  
obra-prima

•  
o soneto a crônica o acróstico  
o medo do esquecimento  
o vício de achar tudo ótimo  
e esses dias  
longos dias feito anos  
sim pratico todos  
os gêneros provincianos

**dia**

**ao primo pássaro**

foi você

que piou pintou

ontem

pouco antes

do sol nascer?

ou foi

talvez

um irmão tia irmã

uma voz

já

tão

longe

que hoje

até parece amanhã?

Minha cabeça cortada

Joguei na tua janela

Noite de lua

Janela aberta

Bate na parede

Perdendo dentes

Cai na cama

Pesada de pensamentos

Talvez te assustes

Talvez a contemples

Contra a lua

Buscando a cor de meus olhos

Talvez a uses

Como despertador

Sobre o criado-mudo

Não quero assustar-te

Peço apenas um tratamento condigno

Para essa cabeça súbita

De minha parte

a árvore é um poema

não está ali

para que valha a pena

está lá

ao vento porque trema

ao sol porque crema  
à lua porque diadema  
está apenas

..  
que me importa  
meio-dia e doze  
o tempo que toque  
nesses relógios  
matéria de tictac  
pra mim agora  
é quinze pras quatro  
ou duas e vinte e um  
dezenove e dezoito  
não  
que onze e trinta  
só meu coração

..  
nada que o sol  
não explique  
tudo que a lua  
mais chique  
não tem chuva  
que desbote essa flor

•  
a perda do olfato  
eu não lamento  
afinal o olfato  
só serve pra cheirar  
os quatro elementos  
vamos ao fato  
o paladar eu perdi  
mas não porque o perdesse  
tirei da cabeça  
o gosto do abacaxi  
do ouvido não olvido  
pois tendo desenvolvido  
a guerra dos sentidos  
me voltei pro silêncio  
o som não faz sentido  
uma consequência  
toma conta de mim  
como se fosse um barato

•  
existe um planeta  
perdido numa dobra  
do sistema solar  
aí é fácil confundir  
sorrir com chorar  
difícil é distinguir  
esse planeta de sonhar

••  
objeto  
do meu mais desesperado desejo  
não seja aquilo  
por quem ardo e não vejo  
seja a estrela que me beija  
oriente que me reja  
azul amor beleza  
faça qualquer coisa  
mas pelo amor de deus  
ou de nós dois  
seja

•  
não creio  
que fosse maior  
a dor de dante  
que a dor  
que este dente  
de agora em diante  
sente  
não creio  
que joyce  
visse mais numa palavra  
mais do que fosse  
que nesta pasárgada  
ora foi-se  
tampouco creio  
que mallarmé  
visse mais  
que esse olho  
nesse espelho  
agora  
nunca  
me vê

•

A vagina vazia  
imagina  
que a página (sem vaselina)  
a si mesma se preenche  
e se plagia  
Essa língua que sempre falo  
(e falo sempre)  
e distraído escrevo  
embora não tão frequentemente  
massa falida  
desmorona no papel  
                  quando babo  
e acabada em texto  
eu acabo

•••  
business man  
make as many business  
as you can  
you will never know  
who i am  
your mother  
says no  
your father  
says never  
you'll never know  
how the strawberry fields  
it will be forever

•  
lendas vindas  
das terras lindas  
de orientes findos  
me façam feliz  
feito esta vida não faz

••  
uma carta uma brasa através  
por dentro do texto  
nuvem cheia da minha chuva  
cruza o deserto por mim  
a montanha caminha  
o mar entre os dois  
uma sílaba um soluço  
um sim um não um ai

sinais dizendo nós  
quando não estamos mais

●  
quatro dias sem te ver  
e não mudaste nada  
falta açúcar na limonada  
me perdi da minha namorada  
nadei nadei e não dei em nada  
sempre o mesmo poeta de bosta  
perdendo tempo com a humanidade

minha amiga  
indecisa  
lida com coisas  
semifusas  
quando confusas  
mesmo as exatas  
medusas  
se transmudam  
em musas

sabendo  
que assim dizendo  
— poema —  
estava te matando  
mesmo assim  
te disse  
sabendo  
que assim fazendo  
você estava durando  
foi duro  
mesmo assim  
te trouxe  
mesmo assim  
te fiz  
mesmo sabendo que ias  
fugaz  
ser infeliz  
sempre infeliz  
mesmo assim  
te quis  
mesmo sabendo

que ia te querer  
ficar querendo  
e pedir bis

entre a dívida externa  
e a dúvida interna  
meu coração  
comercial  
alterna

pompa há tanto conquista  
cautela tão mal calculada  
pausa na pauta  
quem sabe em pio pousada  
me passa este meio-dia  
atravessa este meio-fio  
aplaca em luz  
a causa desta madrugada  
atiça-me a calma  
em cólera e guerra floresça  
toda esta falta minha alma  
tanta valsa chama saudade  
tanto A tanto B tanto Z  
tanto mim me pareça você

não possa tanta distância  
deixar entre nós  
este sol  
que se põe  
entre uma onda  
e outra onda  
no oceano dos lençóis

sexta-feira  
cinza  
quantas vezes  
vais ser treze?  
quantas horas  
têm teus meses?  
quantas quintas  
vão ser trinta?  
quantas segundas

nem são nunca?  
quantas quartas  
infinitas?

••  
você me alice  
eu todo me aliciasse  
asas  
todas se alassem  
sobre águas cor de alface  
ali  
sim  
eu me aliviasses

••  
quando eu tiver setenta anos  
então vai acabar esta adolescência  
vou largar da vida louca  
e terminar minha livre-docência  
vou fazer o que meu pai quer  
começar a vida com passo perfeito  
vou fazer o que minha mãe deseja  
aproveitar as oportunidades  
de virar um pilar da sociedade  
e terminar meu curso de direito  
então ver tudo em sã consciência  
quando acabar esta adolescência

•  
esta ilusão  
não desapareça  
você deixa  
que isso aconteça  
ilusão  
igual a essa  
eu despeço  
você  
da minha peça

•••  
o novo  
não me choca mais  
nada de novo  
sob o sol  
apenas o mesmo  
ovo de sempre



choca o mesmo novo

••  
pétala  
não caia esse orvalho  
olho  
não perca essa lágrima  
auras que já se foram  
grato pela graça  
a graça que eu acho  
em tudo que fica  
por tudo que passa

•  
ele era  
apenas um L  
e ela ah  
ela estava lá  
à flor da pele  
como quem apenas  
H  
amar um A  
como um L  
quem amará?

• •  
Desculpe, cadeira,  
está pisando no meu pé.  
Desse jeito, mais parece  
esta mesa: nada mais faz  
que cansar minha beleza.  
Vocês vão ver uma coisa.  
Nem porque é de ferro  
pode moer meu dedo  
este prego, o martelo.  
Vocês não têm cabeça.  
Não passam de objeto.  
Vocês nunca vão saber  
quanto dói uma saudade  
quando perto vira longe  
quanto longe fica perto.  
Desculpe, cadeira,  
está pisando no meu pé.  
Desse jeito, mais parece  
esta mesa: nada mais faz

que cansar minha beleza.  
Quanto ao resto — até.

elas quando vêm  
elas quando vão  
versos que nem  
versos que não  
nem quero fazer  
se fazem por si  
como se em vão  
elas quando vão  
elas quando vêm  
poesia que sim  
parece que nem

## **minhas 7 quedas**

minha primeira queda  
não abriu o paraquedas  
daí passei feito uma pedra  
pra minha segunda queda  
da segunda à terceira queda  
foi um pulo que é uma seda  
nisso uma quinta queda  
pega a quarta e arremeda  
na sexta continuei caindo  
agora com licença  
mais um abismo vem vindo

•  
quem me dera um abutre  
pra devorar meu coração!  
naco de carne crua  
comida de pé no balcão!  
quem me dera um apache  
pra colher meu escalpo!  
que desta vez não escape  
nenhum disfarce!  
tomara que um furacão  
caia sobre meu navio!  
que nenhum deus nem dragão  
possa ser meu alívio!

•••  
em matéria  
de tino  
    menino  
eu tenho dez  
quiser  
tenho até  
um destino  
    a meus pés

•  
as flores  
são mesmo  
umas ingratas  
a gente as colhe  
depois elas morrem  
sem mais nem menos  
como se entre nós

nunca tivesse  
havido vênus

•  
a história faz sentido  
isso li num livro antigo  
que de tão ambíguo  
faz tempo se foi na mão dalgum amigo  
logo chegamos à conclusão  
tudo não passou de um somenos  
e voltaremos  
à costumeira confusão

•



*Polaly sie lzy me czyste, rzesiste,  
Na me dzienciństwo sielskie, anielskie,  
Na moja mlodośćgórna i durna,  
Na mój wiek meski, wiek kleski.  
Polaly sie lzy me czyste, rzesiste...*

(1839)

*Choveram-me lágrimas limpas, ininterruptas,  
Na minha infância campestre, celeste,  
Na mocidade de alturas e loucuras,  
Na minha idade adulta, idade de desdita;  
Choveram-me lágrimas limpas, ininterruptas...*

(1979)

adam mickiewicz  
trad do polonês:  
p leminski

## **o velho leon e natália em coyoacán**

desta vez não vai ter neve como em petrogrado aquele dia  
o céu vai estar limpo e o sol brilhando  
você dormindo e eu sonhando  
nem casacos nem cossacos como em petrogrado aquele dia  
apenas você nua e eu como nasci  
eu dormindo e você sonhando  
não vai mais ter multidões gritando como em petrogrado  
[aquele dia  
silêncio nós dois murmúrios azuis  
eu e você dormindo e sonhando  
nunca mais vai ter um dia como em petrogrado aquele dia  
nada como um dia indo atrás do outro vindo  
você e eu sonhando e dormindo



## **dança da chuva**

senhorita chuva  
me concede a honra  
desta contradança  
e vamos sair  
por esses campos  
ao som desta chuva  
que cai sobre o teclado

•  
aqui  
nesta pedra  
alguém sentou  
olhando o mar  
o mar  
não parou  
pra ser olhado  
foi mar  
pra tudo quanto é lado

•  
um deus também é o vento  
só se vê nos seus efeitos  
árvores em pânico  
bandeiras  
água trêmula  
navios a zarpar  
me ensina  
a sofrer sem ser visto  
a gozar em silêncio  
o meu próprio passar  
nunca duas vezes  
no mesmo lugar  
a este deus  
que levanta a poeira dos caminhos  
os levando a voar  
consagro este suspiro  
nele cresça  
até virar vendaval

•  
um passarinho  
volta pra árvore  
que não mais existe



meu pensamento  
voa até você  
só pra ficar triste  
tenho andado fraco  
levanto a mão  
é uma mão de macaco  
tenho andado só  
lembrando que sou pó  
tenho andado tanto  
diabo querendo ser santo  
tenho andado cheio  
o copo pelo meio  
tenho andado sem pai  
yo no creo en caminos  
pero que los hay  
                  hay  
um dia  
a gente ia ser homero  
a obra nada menos que uma ilíada  
depois  
a barra pesando  
dava pra ser aí um rimbaud  
um ungarretti um fernando pessoa qualquer  
um lorca um éluard um ginsberg  
por fim  
acabamos o pequeno poeta de província  
que sempre fomos  
por trás de tantas máscaras  
que o tempo tratou como a flores  
um poema  
que não se entende  
é digno de nota  
a dignidade suprema  
de um navio  
perdendo a rota  
Meu avô-macaco  
Aquele que Darwin buscou  
Me olha do galho:  
Busca a força dos caninos  
O vigor dos pulsos  
O arfar do peito  
O menear da cabeça

O trabalho  
Tudo se foi  
Nada mais resta  
Do fulgor primata  
Da força de boi  
Saber  
Saber mata

## **espaçotemponave para alice**

frag

mentos

do naufrágio

da vida

jogados

na praia

de uma terra desconhecida

porisso

nos apertar

tanto

nos juntar

tanto

juntos enfrentar

a noite

dos espaços interestelares

dois loucos no bairro

um passa os dias

chutando postes para ver se acendem

o outro as noites

apagando palavras

contra um papel branco

todo bairro tem um louco

que o bairro trata bem

só falta mais um pouco

pra eu ser tratado também

bate o vento eu movo

volta a bater de novo

a me mover eu volto

sempre em volta deste

meu amor ao vento

nada foi

feito o sonhado

mas foi bem-vindo

feito tudo

fosse lindo

## **para a liberdade e luta**

me enterrem com os trotskistas  
na cova comum dos idealistas  
onde jazem aqueles  
que o poder não corrompeu  
me enterrem com meu coração  
na beira do rio  
onde o joelho ferido  
tocou a pedra da paixão  
meu coração de polaco voltou  
coração que meu avô  
trouxe de longe pra mim  
um coração esmagado  
um coração pisoteado  
um coração de poeta  
escura a rua  
escuro  
meu duro desejo  
duro  
feito dura  
essa duna  
    donde  
o poema  
    uma  
        esp  
            uma  
doendo  
ex  
pl  
ode  
hoje o circo está na cidade  
todo mundo me telefonou  
hoje eu acho tudo uma preguiça  
esses dias de encher linguiça  
entre um triunfo e um waterloo  
você  
que a gente chama  
quando gama  
quando está com medo  
e mágua  
quando está com sede  
e não tem água

você  
só você  
que a gente segue  
até que acaba  
em cheque  
ou em chamadas  
qualquer som  
qualquer um  
pode ser tua voz  
teu zum-zum-zum  
todo susto  
sob a forma  
de um súbito arbusto  
seixo solto  
céu revoltado  
pode ser teu vulto  
ou tua volta  
esperas frustradas  
vésperas frutas  
matérias brutas  
quantas estrelas  
custas?

## **oração de pajé**

que eu seja erva raio  
no coração de meus amigos  
árvore força  
na beira do riacho  
pedra na fonte  
estrela

na borda

do abismo

moinho de versos

movido a vento

em noites de boemia

vai vir o dia

quando tudo que eu diga

seja poesia

dia

dai-me

a sabedoria de caetano

nunca ler jornais

a loucura de glauber

ter sempre uma cabeça cortada a mais

a fúria de décio

nunca fazer versinhos normais

ver

é dor

ouvir

é dor

ter

é dor

perder

é dor

só doer

não é dor

delícia

de experimentador

lembrem de mim

como de um

que ouvia a chuva

como quem assiste missa

como quem hesita, mestiça,

entre a pressa e a preguiça

furo a parede branca

para que a lua entre  
e confira com a que,  
frouxa no meu sonho,  
é maior do que a noite  
como um coto caro ao roto  
incrédulo tiago  
toco as chagas  
que me chegam  
do passado  
mutilado  
toco o nada  
aquele nada que não para  
aquele agora nada  
que tinha  
a minha  
cara  
nada não  
que nada nenhum  
declara tamanha danação  
tanta maravilha  
maravilharia durar  
aqui neste lugar  
onde nada dura  
onde nada para  
para ser ventura  
sim  
eu quis a prosa  
essa deusa  
só diz besteiras  
fala das coisas  
como se novas  
não quis a prosa  
apenas a ideia  
uma ideia de prosa  
em esperma de trova  
um gozo  
uma gosma  
uma poesia porosa

**não fosse isso e era menos  
não fosse tanto e era quase**



poema na página  
mordida de criança  
na fruta madura

### **olhar paralisador nº 91**

o olhar da cobra para  
dispara  
paralisa o pássaro  
meu olhar  
cai de mim  
laser  
luar

meu despertar	despertar
meu amor desesperado	do meu olhar
meu mau olhado	despertador

meu olhar  
leitor

quem come o teu trabalho como eu como este gomo ou  
[dou este gole?

apagar-me  
diluir-me  
desmanchar-me  
até que depois  
de mim  
de nós  
de tudo  
não reste mais  
que o charme  
coração  
PRA CIMA  
escrito embaixo  
FRÁGIL  
que tudo passe  
passe a noite  
passe a peste  
passe o verão  
passe o inverno  
passe a guerra  
e passe a paz  
passe o que nasce  
passe o que nem  
passe o que faz

passa o que faz-se  
que tudo passe  
e passe muito bem  
soprando esse bambu  
só tiro

o que lhe deu o vento

### **féretro para uma gaveta**

esta a gaveta do vício  
rimbaud tinha uma  
muitas hendrix  
mallarmé nenhuma

esta a gaveta

de um armário impossível

fazia poesia

e a maioria saía

tal a poesia que fazia

fazia poesia

e a poesia que fazia

não é essa

que nos faz alma vazia

fazia poesia

e a poesia que fazia

era outra filosofia

fazia poesia

e a poesia que fazia

tinha tamanho família

fazia poesia

e fez alto

em nossa folia

fazia tanta poesia

ainda vai ter poesia um dia

entro e saio

dentro

é só ensaio

via sem saída

via bem

via aqui

via além

não via o trem

via sem saída

via tudo

não via a vida

via tudo que havia  
não via a vida  
a vida havia  
CURVA PSICODÉLICA  
a mente salta dos trilhos  
LÓGICA ARISTOTÉLICA  
não legarei a meus filhos  
evapora  
perfume  
para o lume  
lá em cima  
o alto lume  
respira  
perfumes  
você  
se lança  
cume  
nume  
névoa  
vaga-lumes

### **manchete**

CHUTES DE POETA  
NÃO LEVAM PERIGO À META  
eu queria tanto  
ser um poeta maldito  
a massa sofrendo  
enquanto eu profundo medito  
eu queria tanto  
ser um poeta social  
rosto queimado  
pelo hálito das multidões  
em vez  
olha eu aqui  
pondo sal  
nesta sopa rala  
que mal vai dar para dois  
a máquina  
engole página  
cospe poema  
engole página  
cospe propaganda  
MAIÚSCULAS

minúsculas  
a máquina  
engole carbono  
cospe cópia  
cospe cópia  
engole poeta  
cospe prosa  
MINÚSCULAS  
maiúsculas  
a noite  
me pinga uma estrela no olho  
e passa  
cansei da frase polida  
por anjos da cara pálida  
palmeiras batendo palmas  
ao passarem paradas  
agora eu quero a pedrada  
chuva de pedras palavras  
distribuindo pauladas

acordo	logo	durmo
durmo	logo	acordo
nem	memórias	nem diários
comigo	mesmo	dialogo
daqui	até	ali
dali	até	logo

já fui coisa  
escrita na lousa  
hoje sem musa  
apenas meu nome  
escrito na blusa  
o mestre gira o globo  
balança a cabeça e diz  
o mundo é isso e assim  
livros alunos aparelhos  
somem pelas janelas  
nuvem de pó de giz  
en la lucha de clases  
todas las armas son buenas  
pedras  
noches  
poemas

você para  
a fim de ver  
o que te espera  
só uma nuvem  
te separa  
das estrelas  
não discuto  
com o destino  
o que pintar  
eu assino  
o sol escreve  
em tua pele  
o nome de outra raça  
esquece  
em cada uva  
a história do céu  
do vento  
e da chuva  
a vida é as vacas  
que você põe no rio  
para atrair as piranhas  
enquanto a boiada passa  
você  
com quem falo  
e não falo  
centauro  
homemcavalo  
você  
não existe  
preciso criá-lo  
confira  
tudo que respira  
conspira  
ana vê alice  
como se nada visse  
como se nada ali estivesse  
como se ana não existisse  
vendo ana  
alice descobre a análise  
ana vale-se  
da análise de alice  
faz-se Ana Alice

a vida varia  
o que valia menos  
passa a valer mais  
quando desvaria

vento  
que é vento  
fica  
parede  
parede  
passa  
meu ritmo  
bate no vento  
e se  
des  
pe  
da

ça

johny? está me ouvindo? sim sim claro tua mãe e eu perdoamos  
já perdoamos eu disse perdoamos isso acontece claro acontece a  
qualquer um eu disse qualquer um é to anyone do you hear me yes  
we forgive you i said your mother your mother forgives you yes  
you do you hear me now whatever it is é claro tudo perdoado tua  
mãe perdoa mãe sempre perdoa tudo eu disse tudo forgives yes  
your mother and i we never never pai sempre perdoa i forgive you  
perdooo perdooo agora vá dormir my poor johny dormir eu disse já  
disse que perdooo tua mãe perdoa agora johny está me ouvindo johny  
está me ouvindo when i say do you hear me yes johny do you do you do

## **riso para gil**

teu riso  
reflete no teu canto  
rima rica  
raio de sol  
em dente de ouro  
“everything is gonna be alright”  
teu riso  
diz sim  
teu riso  
satisfaz  
enquanto o sol  
que imita teu riso  
não sai  
tão longe eu lhe disse até logo  
um pouco de tudo passou-se outra vez  
e foi uma vez toda feita de jogos  
aquela outra vez que não soube ser vez  
pois voltou e voltou e voltou  
sem saber que de duas uma  
nunca são três  
quero a vitória  
    do time de várzea  
valente  
covarde  
    a derrota  
    do campeão  
5 X 0  
    em seu próprio chão  
    circo  
    dentro  
    do pão  
um pouco de mao  
em todo poema que ensina  
quanto menor  
mais do tamanho da china  
de repente  
me lembro do verde  
da cor verde  
a mais verde que existe  
a cor mais alegre  
a cor mais triste

o verde que vestes  
o verde que vestiste  
o dia em que eu te vi  
o dia em que me viste  
de repente  
vendi meus filhos  
a uma família americana  
eles têm carro  
eles têm grana  
eles têm casa  
a grama é bacana  
só assim eles podem voltar  
e pegar um sol em copacabana



## **carta ao acaso**

a carta do baralho  
grande gilete  
corta sem barulho  
o olho do valete  
o rei a fio de espada  
a água e a farinha  
uma só passada  
a espada na rainha  
soubesse que era assim  
não tinha nascido  
e nunca teria sabido  
ninguém nasce sabendo  
até que eu sou meio esquecido  
mas disso eu sempre me lembro  
nuvens brancas  
passam  
    em brancas nuvens  
meus amigos  
quando me dão a mão  
sempre deixam  
outra coisa  
presença  
olhar  
lembrança calor  
meus amigos  
quando me dão  
deixam na minha  
a sua mão  
o paulo leminski  
é um cachorro louco  
que deve ser morto  
a pau a pedra  
a fogo a pique  
senão é bem capaz  
o filho da puta  
de fazer chover  
em nosso piquenique  
queima me um beijo fogueira de restos do amor  
queima se pode  
queima a suspeita que em meu peito teima  
quebra meu dia que em tanta pedra explode

queima meu nome que em fogo teu transforme  
essa tempestade a vida em tempo de poesia  
queima me tanto que me lembre sempre  
o vento que me leva para a frente ventania  
dia de reis passou  
o ano avança a maio  
os reis passaram  
flor  
maria  
trabalho  
o povo ficou  
mãe  
maioria  
os povos ficaram  
nascemos em poemas diversos  
destino quis que a gente se achasse  
na mesma estrofe e na mesma classe  
no mesmo verso e na mesma frase  
rima à primeira vista nos vimos  
trocamos nossos sinônimos  
olhares não mais anônimos  
nesta altura da leitura  
nas mesmas pistas  
mistas a minha a tua a nossa linha  
acordei bemol  
tudo estava sustentado  
sol fazia  
só não fazia sentido  
Amor, então,  
também, acaba?  
Não, que eu saiba.  
O que eu sei  
é que se transforma  
numa matéria-prima  
que a vida se encarrega  
de transformar em raiva.  
Ou em rima.  
pariso  
novayorquizo  
moscoviteio  
sem sair do bar  
só não levanto e vou embora

porque tem países  
que eu nem chego a madagascar  
mira telescópica  
de rifle de precisão  
ou janela quebrada  
onde uma criança se debruça  
pra ver as coisas que são  
cenas da revolução russa?  
ameixas  
ame-as  
ou deixe-as  
parem  
eu confesso  
sou poeta  
cada manhã que nasce  
me nasce  
uma rosa na face  
parem  
eu confesso  
sou poeta  
só meu amor é meu deus  
eu sou o seu profeta  
QUE TAL SE  
FOSSE REAL  
ESSE REALCE  
QUE GIL SE  
VIU VIAJOU  
SE VIA GIL?  
o barro  
toma a forma  
que você quiser  
você nem sabe  
estar fazendo apenas  
o que o barro quer  
**grande angular para a zap**  
as cidades do ocidente  
nas planícies  
na beira-mar  
do lado dos rios  
feras abatidas a tiro  
durante a noite  
de dia

um motor mantém todas  
vivas e acesas LUCRO  
à noite  
fantasmas das coisas não ditas  
sombras das coisas não feitas  
vêm  
pé ante pé  
mexer em seus sonhos  
as cidades do ocidente  
gritam  
gritam  
demônios loucos  
por toda a madrugada  
o poema  
na página  
uma cortina  
na janela  
uma paisagem  
assassina  
ascensão apogeu e queda da vida paixão e morte  
do poeta enquanto ser que chora enquanto  
chove lá fora e alguém canta  
a última esperança de chegar  
à estação da luz e pegar o primeiro trem  
para muito além das serras que azulam no horizonte  
e o separam da aurora da sua vida  
inverno  
primavera  
poeta é  
quem se considera  
nunca quis ser  
freguês distinto  
pedindo isso e aquilo  
vinho tinto  
obrigado  
hasta la vista  
queria entrar  
com os dois pés  
no peito dos porteiros  
dizendo pro espelho  
— cala a boca  
e pro relógio

— abaixo os ponteiros  
à pureza com que sonha  
o compositor popular  
um dia poder compor  
uma canção de ninar

it's only life

but i like it

let's go

baby

let's go

this is life

it is not

rock and roll



no que eu sinto  
sim um pouco de papel  
muito de fita  
e um tanto de tinta  
pego esse mundo  
bato na cabeça  
quem sabe eu esqueça  
quem sabe ele enfim  
haikai do mundo  
haikai de mim  
a água que me chama  
em mim deságua  
a chama que me mágua  
duas folhas na sandália  
o outono  
também quer andar  
hoje à noite  
até as estrelas  
cheiram a flor de laranjeira  
a palmeira estremece  
palmas para ela  
que ela merece  
relógio parado  
o ouvido ouve  
o tic tac passado  
pity  
    pity  
        the bird  
to  
the  
city  
a estrela cadente  
me caiu ainda quente  
na palma da mão  
noite  
a vespa pica  
    a estrela vésper  
passa e volta  
a cada gole  
uma revolta  
bateu na patente  
batata

tem gente  
aqui é alto  
anos não ouço  
o c(h)oro dos sapos  
verde a árvore caída  
vira amarelo  
a última vez na vida  
nada me demove  
ainda vou ser  
o pai dos irmãos karamázov  
por um fio  
    o fio foi-se  
        o fio da foice  
no espelho  
    de relance  
a cor do sonho  
    de ontem  
beija  
flor  
na chuva  
gota  
alguma  
derruba  
na rua  
sem resistir  
me chamam  
torno a existir  
lua de outono  
por ti  
quantos s/ sono  
nada que eu faça  
altera este fato  
a folha de alface  
é a última no prato  
debruçado num buraco  
vendo o vazio  
    ir e vir  
casa com cachorro brabo  
meu anjo da guarda  
    abana o rabo  
no chão  
minhas sandálias



pegadas  
como pegá-las?  
furta a flor  
ao crepúsculo cor de fruta  
pássaro tecnicolor  
milagre de inverno  
agora é ouro  
a água das laranjas  
    xavante  
muitos xxxxx  
    avante  
luxo saber  
além destas telhas  
um céu de estrelas  
a chuva é fraca  
cresçam com força  
línguas-de-vaca  
sumiu  
o ciúme  
vaga  
vazio  
o vaga  
    lume  
as coisas estão pretas  
uma chuva de estrelas  
deixa no papel  
esta poça de letras  
rio  
do que não rio  
    rindo  
        da criança rindo  
esquentar numa fogueira  
o frio que sinto  
ao contemplar estrelas?  
cabelos que me caem  
em cada um  
mil anos de haikai  
a folhas tantas  
o outono  
nem sabe a quantas  
1º dia de aula  
na sala de aula

eu e a sala  
roupas no varal  
deus seja louvado  
entre as coisas lavadas  
a chuva vem de cima  
correm  
como se viesse atrás  
a flauta índia  
diz sempre  
    não ainda

pele  
branco  
magnolia

( )  
azul  
manhã  
vermelho  
e lha



**sol-te**

SOLTE O SOL

SOLTE  
TODO SOL  
TODA SORTE

PODE  
QUE VOLTE

**leve tempo  
do verbo ir**

**leve ninguém  
num tempo  
qualquer**

**ir sendo  
como vai o verbo  
nenhum querer  
querendo**



**nem toda *hora***

**é obra**

**nem toda obra**

**é *prima***

**algumas são mães**

**outras irmãs**

**algumas**

clima

dissabor  
de prazer  
eu prazo

dessaber  
de passar  
acaso

certeza  
sorte  
aqui  
me  
jazo

**eu  
tão isósceles  
você  
ângulo  
hipóteses  
sobre meu tesão**

**teses  
sínteses  
antíteses  
vê bem onde pises  
pode ser meu coração**

você me amava  
disse  
a margarida

a margarida  
é doce  
amarga a vida

de ouvido

di vi

di do

entre

o

ver

&

o

vidro

du vi do

SIGNO  
SIGO  
NA NOTTE  
O DESTINO

SER  
AQUILO  
QUE A SOMBRA  
QUIS  
PARA NOIVO

SOL  
LUA  
POR QUE SÓ UM  
DE CADA  
NO CÉU  
FLUTUA

**ATÉ ELA**

**DE PÉ  
EM PÉ T A L A**

**DE PÉ T A L A  
EM P É T A L A**

**ATÉ  
D E S P E T A L A . L A**



**tudo  
que  
li  
me  
irrita  
quando  
ouço  
rita  
lee**

ai pra bashô

SEM  
NEM M

P  
ÃE  
AIS

# PERHAPPINESS

**se  
nem  
for  
terra**

**se  
trans  
for  
mar**

**tudo  
sucede  
súbito**

**eu não faço  
expludo**

a impressão do teu  
corpo no meu  
*mexeu*

da árvore

o O'

o U

o T

o O'

o N

o O'

um tombo

só

ao que tudo indica



tudo indica

só ver como tudo fica



***PRA QUE CARA FEIA?  
NA VIDA  
NINGUÉM PAGA MEIA.***



de som a som  
ensino o silêncio  
a ser sibilino

de sino em sino  
o silêncio ao som  
ensino

**eu te fiz  
agora**

**sou teu deus  
poema**

**ajoelha  
e  
me  
adora**

**SÍ LA BA**

**MIM**

**PA LA VRA**

**SEM**

**F I M**

**F I M**

**F I N**



KAMI QUASE

palpite

o graffiti  
é o limite



LUA NA AGUA  
LUA NA AGUA

ALGUMA LUA  
ALGUMA LUA

LUA ALGUMA  
LUA ALGUMA





## **papajoyceatwork**

(Noite. Joyce começa a escrever)

Madmanam eye! Light gone out!

(Cai no papel)

Mustmakesomething! Reverythming!

(Morde os lábios e gargalha)

A poorirish is a writer mehrlichtsearching, yesternighteternidades!

(Troveja. Relâmpagos iluminam o quarto. Joyce prossegue)

Thomasmorrows? Horriver!

Nice and sweet — the speech of England, damnyou! Dont?

Must destroy it, just like a destroyer would do it yourself!

[Como um verme. Yes, I no.

Done to Ireland! What have they done? It will do.

Beforeblacksblanco, we are even, this very evening! Think is so.

My vengeance will be as big as say a country as big as say Brazil.

Someday my prince will come. Our prince: Seabastião!

Arrise, Lewisrockandcarroll!

Waterrestrela, am I a dayer?

Just a wakewriter.

## **o assassino era o escriba**

Meu professor de análise sintática era o tipo do sujeito inexistente.

Um pleonasma, o principal predicado da sua vida, regular como um paradigma da 1ª conjugação.

Entre uma oração subordinada e um adjunto adverbial, ele não tinha dúvidas: sempre achava um jeito assindético de nos torturar com um aposto.

Casou com uma regência.

Foi infeliz.

Era possessivo como um pronome.

E ela era bitransitiva.

Tentou ir para OS EUA.

Não deu.

Acharam um artigo indefinido em sua bagagem.

A interjeição do bigode declinava partículas expletivas, conetivos e agentes da passiva, o tempo todo.

Um dia, matei-o com um objeto direto na cabeça.



## **hai-cai: hi-fi**

I.

chove

na única

qu'houve

cavalo com guizos

sigo com os olhos

e me cavalizo

de espanto

espontânea oh

espantânea

o a o o a e  
cor jib gat vac chu est  
v b é c v e  
voo boi tão cuo uva mes  
é a l é é m  
neg com ent ond mai smo  
r m o e o m  
ati ome qua vac aio mes  
v u n c e a  
viv hum nto cas que esm  
o m l v o m  
boi end vão gua smo  
o b r n  
ber rda est  
c a  
chu mes  
v m  
uva sma  
a m  
esa

a grave advertência dos portões de bronze  
das mansões senhoriais  
a advertência dos portões das mansões  
a advertência dos portões  
a advertência  
a ânsia

materesmofo  
temaserfomo  
termosfameo  
tremesfooma  
metrofasemo  
mortemesafo  
amorfotemes  
emarometesf  
eramosfetem  
fetomormesa  
mesamorfeto  
efatormesom  
maefortosem  
saotemorfem  
termosefoma  
faseortomem  
motormefase  
matermofeso  
metaformose

PARKER  
TEXACO

ESSO  
FORD

ADAMS  
FABER

MELHORAL  
SONRISAL

RINSO  
LEVER  
GESSY

RCE  
GE

MOBILOIL  
KOLYNOS

ELECTRIC  
COLGATE  
MOTORS

GENERAL

casas pernambucanas





**distraídos**  
**venceremos**  
[1987]

## **nota do editor**

*Distraídos venceremos* é a última obra poética de Leminski publicada em vida, em 1987, pela editora Brasiliense. Na abertura do livro havia um índice autoral, intitulado “Índice, ícone e símbolo”. Optamos por não reproduzi-lo, já que há um sumário no começo deste volume e um índice de primeiros versos ao final. A primeira edição conta também com uma apresentação do autor, “Transmatéria contrassenso”, que foi incluída aqui no apêndice.

*Em direção a Alice,  
cúmplice nesse crime de lesa-vida  
chamado poesia.  
Para Antonio Cícero, Arnaldo “Titã” Antunes  
e — sobretudo — para Itamar Assumpção.*

*Que flecha é aquela no calcanhar daquilo? Pela pena, é persa, pela precisão do tiro, um mestre. Ora, os mestres persas são sempre velhos. E mestre, persa e velho só pode ser Artaxerxes ou um irmão, ou um amigo, ou discípulo, ou então simplesmente alguém que passava e atirou por despautério num momento gaudério de distração.*

*Catatau, p. 33.*

**distraídos venceremos**

## **aviso aos naufragos**

Esta página, por exemplo,  
não nasceu para ser lida.

Nasceu para ser pálida,  
um mero plágio da Ilíada,  
alguma coisa que cala,  
folha que volta pro galho,  
muito depois de caída.

Nasceu para ser praia,  
quem sabe Andrômeda, Antártida,  
Himalaia, sílaba sentida,  
nasceu para ser última  
a que não nasceu ainda.

Palavras trazidas de longe  
pelas águas do Nilo,  
um dia, esta página, papiro,  
vai ter que ser traduzida,  
para o símbolo, para o sânscrito,  
para todos os dialetos da Índia,  
vai ter que dizer bom-dia  
ao que só se diz ao pé do ouvido,  
vai ter que ser a brusca pedra  
onde alguém deixou cair o vidro.  
Não é assim que é a vida?

## **a lei do quão**

Deve ocorrer em breve  
uma brisa que leve  
um jeito de chuva  
à última branca de neve.  
Até lá, observe-se  
a mais estrita disciplina.  
A sombra máxima  
pode vir da luz mínima.



## **minifesto**

ave a raiva desta noite  
a baita lasca fúria abrupta  
louca besta vaca solta  
ruiva luz que contra o dia  
tanto e tarde madrugastes  
morra a calma desta tarde  
morra em ouro  
enfim, mais seda  
a morte, essa fraude,  
quando próspera  
viva e morra sobretudo  
este dia, metal vil,  
surdo, cego e mudo,  
nele tudo foi e, se ser foi tudo,  
já nem tudo nem sei  
se vai saber a primavera  
ou se um dia saberei  
que nem eu saber nem ser nem era  
Vim pelo caminho difícil,  
a linha que nunca termina,  
a linha bate na pedra,  
a palavra quebra uma esquina,  
mínima linha vazia,  
a linha, uma vida inteira,  
palavra, palavra minha.

## **adminimistério**

Quando o mistério chegar,  
já vai me encontrar dormindo,  
metade dando pro sábado,  
outra metade, domingo.

Não haja som nem silêncio,  
quando o mistério aumentar.

Silêncio é coisa sem senso,  
não cesso de observar.

Mistério, algo que, penso,  
mais tempo, menos lugar.

Quando o mistério voltar,  
meu sono esteja tão solto,  
nem haja susto no mundo  
que possa me sustentar.

Meia-noite, livro aberto.

Mariposas e mosquitos  
pousam no texto incerto.

Seria o branco da folha,  
luz que parece objeto?

Quem sabe o cheiro do preto,  
que cai ali como um resto?

Ou seria que os insetos  
descobriram parentesco  
com as letras do alfabeto?

## **distâncias mínimas**

um texto morcego

se guia por ecos

um texto texto cego

um eco anti anti anti antigo

um grito na parede rede rede

volta verde verde verde

com mim com com consigo

ouvir é ver se se se se se

ou se se me lhe te sigo?

## **saudosa amnésia**

*a um amigo que perdeu a memória*

Memória é coisa recente.

Até ontem, quem lembrava?

A coisa veio antes,

ou, antes, foi a palavra?

Ao perder a lembrança,

grande coisa não se perde.

Nuvens, são sempre brancas.

O mar? Continua verde.

## **iceberg**

Uma poesia ártica,  
claro, é isso que desejo.  
Uma prática pálida,  
três versos de gelo.  
Uma frase-superfície  
onde vida-frase alguma  
não seja mais possível.  
Frase, não. Nenhuma.  
Uma lira nula,  
reduzida ao puro mínimo,  
um piscar do espírito,  
a única coisa única.  
Mas falo. E, ao falar, provoco  
nuvens de equívocos  
(ou enxame de monólogos?).  
Sim, inverno, estamos vivos.

## **por um lindésimo de segundo**

tudo em mim  
anda a mil  
tudo assim  
tudo por um fio  
tudo feito  
tudo estivesse no cio  
tudo pisando macio  
tudo psiu  
tudo em minha volta  
anda às tontas  
como se as coisas  
fossem todas  
afinal de contas  
Transar bem todas as ondas  
a Papai do Céu pertence,  
fazer as luas redondas  
ou me nascer paranaense  
A nós, gente, só foi dada  
essa maldita capacidade,  
transformar amor em nada.

## **passa a expressão**

Esses tais artefatos  
que diriam minha angústia,  
tem umas que vêm fácil,  
tem muitas que me custa.  
Tem horas que é caco de vidro,  
meses que é feito um grito,  
tem horas que eu nem duvido,  
tem dias que eu acredito.  
Então seremos todos gênios  
quando as privadas do mundo  
vomitem de volta  
todos os papéis higiênicos.

## **o mínimo do máximo**

Tempo lento,  
espaço rápido,  
quanto mais penso,  
menos capto.  
Se não pego isso  
que me passa no íntimo,  
importa muito?

Rapto o ritmo.  
Espaçotempo ávido,  
lento espaçodentro,  
quando me aproximo,  
apenas o mínimo  
em matéria de máximo.

### **signo ascendente**

Nem todo espelho  
reflita este hieroglifo.  
Nem todo olho  
decifre esse ideograma.  
Se tudo existe  
para acabar num livro,  
se tudo enigma  
a alma de quem ama!

### **além alma**

#### **(uma grama depois)**

Meu coração lá de longe  
faz sinal que quer voltar  
Já no peito trago em bronze:  
NÃO TEM VAGA NEM LUGAR  
Pra que me serve um negócio  
que não cessa de bater?  
Mais me parece um relógio  
que acaba de enlouquecer.  
Pra que é que eu quero quem chora,  
se estou tão bem assim,  
e o vazio que vai lá fora  
cai macio dentro de mim?

### **plena pausa**

Lugar onde se faz  
o que já foi feito,  
branco da página,  
soma de todos os textos,  
foi-se o tempo  
quando, escrevendo,  
era preciso  
uma folha isenta.  
Nenhuma página  
jamais foi limpa.  
Mesmo a mais Saara,  
ártica, significa.

Nunca houve isso,  
uma página em branco.  
No fundo, todas gritam,  
pálidas de tanto.

## **merda e ouro**

Merda é veneno.

No entanto, não há nada  
que seja mais bonito  
que uma bela cagada.  
Cagam ricos, cagam padres,  
cagam reis e cagam fadas.  
Não há merda que se compare  
à bosta da pessoa amada.

## **o par que me parece**

Pesa dentro de mim  
o idioma que não fiz,  
aquela língua sem fim  
feita de ais e de aquis.

Era uma língua bonita,  
música, mais que palavra,  
alguma coisa de hitita,  
praia do mar de Java.

Um idioma perfeito,  
quase não tinha objeto.

Pronomes do caso reto,  
nunca acabavam sujeitos.

Tudo era seu múltiplo,  
verbo, triplo, prolixo.

Gritos eram os únicos.  
O resto ia pro lixo.

Dois leos em cada pardo,  
dois saltos em cada pulo,  
eu que só via a metade,  
silêncio, está tudo duplo.

## **arte do chá**

ainda ontem

convidei um amigo  
para ficar em silêncio  
comigo

ele veio

meio a esmo

praticamente não disse nada  
e ficou por isso mesmo

## **proema**

Não há verso,  
tudo é prosa,



passos de luz  
num espelho,  
verso, ilusão  
de ótica,  
verde,  
o sinal vermelho.

Coisa  
feita de brisa,  
de mágoa  
e de calmaria,  
dentro  
de um tal poema,  
qual poesia  
pousaria?

Eu, hoje, acordei mais cedo  
e, azul, tive uma ideia clara.  
Só existe um segredo.  
Tudo está na cara.

### **desencontrários**

Mandei a palavra rimar,  
ela não me obedeceu.  
Falou em mar, em céu, em rosa,  
em grego, em silêncio, em prosa.  
Parecia fora de si,  
a sílaba silenciosa.  
Mandei a frase sonhar,  
e ela se foi num labirinto.  
Fazer poesia, eu sinto, apenas isso.  
Dar ordens a um exército,  
para conquistar um império extinto.

### **o que quer dizer**

*para Haroldo de Campos,  
translator maximus*

O que quer dizer, diz.  
Não fica fazendo  
o que, um dia, eu sempre fiz.  
Não fica só querendo, querendo,  
coisa que eu nunca quis.  
O que quer dizer, diz.  
Só se dizendo num outro  
o que, um dia, se disse,  
um dia, vai ser feliz.

**um metro de grito  
(máquinas líquidas)**

Leiam-se índices,  
mil olhos de lince,  
entre meus filmes,  
leonardos da vinci.  
Abri-vos, arcas, arquivos,  
súmulas de equívocos,  
fechados,  
para que servem os livros?  
Livros de vidro,  
discos, issos, aquilos,  
coisas que eu vendo a metro,  
eles me compram aos quilos.  
Líquidas lâminas,  
linhas paralelas,  
quanto me dão  
por minhas ideias?  
sorte no jogo  
azar no amor  
de que me serve  
sorte no amor  
se o amor é um jogo  
e o jogo não é meu forte,  
meu amor?

**claro calar sobre uma cidade sem ruínas  
(ruinogramas)**

Em Brasília, admirei.  
Não a niemeyer lei,  
a vida das pessoas  
penetrando nos esquemas  
como a tinta sangue  
no mata-borrão,  
crescendo o vermelho gente,  
entre pedra e pedra,  
pela terra adentro.  
Em Brasília, admirei.  
O pequeno restaurante clandestino,  
criminoso por estar  
fora da quadra permitida.  
Sim, Brasília.  
Admirei o tempo

que já cobre de anos  
tuas impecáveis matemáticas.

Adeus, Cidade.

O erro, claro, não a lei.

Muito me admirastes,  
muito te admirei.

Carrego o peso da lua,  
Três paixões mal curadas,  
Um saara de páginas,  
Essa infinita madrugada.

Viver de noite

Me fez senhor do fogo.

A vocês, eu deixo o sono.

O sonho, não.

Esse, eu mesmo carrego.

### **nomes a menos**

Nome mais nome igual a nome,  
uns nomes menos, uns nomes mais.

Menos é mais ou menos,  
nem todos os nomes são iguais.

Uma coisa é a coisa, par ou ímpar,  
outra coisa é o nome, par e par,  
retrato da coisa quando límpida,  
coisa que as coisas deixam ao passar.

Nome de bicho, nome de mês, nome de estrela,  
nome dos meus amores, nomes animais,  
a soma de todos os nomes,  
nunca vai dar uma coisa, nunca mais.

Cidades passam. Só os nomes vão ficar.

Que coisa dói dentro do nome  
que não tem nome que conte  
nem coisa pra se contar?

### **volta em aberto**

Ambígua volta  
em torno da ambígua ida,  
quantas ambiguidades  
se pode cometer na vida?

Quem parte leva um jeito  
de quem traz a alma torta.

Quem bate mais na porta?

Quem parte ou quem torna?

### **o náufrago náugrafo**

a letra A a  
funda no A  
atlântico  
e pacífico com  
templo a luta  
entre a rápida letra  
e o oceano  
lento  
assim  
fundo e me afundo  
de todos os naufragos  
nauógrafo  
o naufrago  
mais  
profundo

### **bem no fundo**

no fundo, no fundo,  
bem lá no fundo,  
a gente gostaria  
de ver nossos problemas  
resolvidos por decreto  
a partir desta data,  
aquela mágoa sem remédio  
é considerada nula  
e sobre ela — silêncio perpétuo  
extinto por lei todo o remorso,  
maldito seja quem olhar pra trás,  
lá pra trás não há nada,  
e nada mais  
mas problemas não se resolvem,  
problemas têm família grande,  
e aos domingos saem todos passear  
o problema, sua senhora  
e outros pequenos probleminhas

### **sem budismo**

Poema que é bom  
acaba zero a zero.  
Acaba com.  
Não como eu quero.  
Começa sem.  
Com, digamos, certo verso,  
veneno de letra,

bolero. Ou menos.  
Tira daqui, bota dali,  
um lugar, não caminho.  
Prossegue de si.  
Seguro morreu de velho,  
e sozinho.  
o amor, esse sufoco,  
agora há pouco era muito,  
agora, apenas um sopro  
ah, troço de louco,  
corações trocando rosas,  
e socos

### **o hóspede despercebido**

Deixei alguém nesta sala  
que muito se distinguia  
&de alguém que ninguém se chamava,  
quando eu desaparecia.  
Comigo se assemelhava,  
mas só na superfície.  
Bem lá no fundo, eu, palavra,  
não passava de um pastiche.  
Uns restos, uns traços, um dia,  
meus tios, minhas mães e meus pais  
me chamarem de volta pra dentro,  
eu ainda não volte jamais.  
Mas ali, logo ali, nesse espaço,  
lá se vai, exemplo de mim,  
algo, alguém, mil pedaços,  
meio início, meio a meio, sem fim.

### **ação em flor**

Quem nunca viu  
que a flor, a faca e a fera  
tanto fez como tanto faz,  
e a forte flor que a faca faz  
na fraca carne,  
um pouco menos, um pouco mais,  
quem nunca viu  
a ternura que vai  
no fio da lâmina samurai,  
esse, nunca vai ser capaz.

*para Koji Sakaguchi,  
portal amigo entre o  
Japão e o Brasil*

## **a lua no cinema**

A lua foi ao cinema,  
passava um filme engraçado,  
a história de uma estrela  
que não tinha namorado.

Não tinha porque era apenas  
uma estrela bem pequena,  
dessas que, quando apagam,  
ninguém vai dizer, que pena!  
Era uma estrela sozinha,  
ninguém olhava pra ela,  
e toda a luz que ela tinha  
cabia numa janela.

A lua ficou tão triste  
com aquela história de amor,  
que até hoje a lua insiste:  
— Amanheça, por favor!

## **anch'io son pittore**

fra angélico  
quando pintava  
uma madona col bambino  
se ajoelhava e rezava  
como se fosse um menino  
orava diante da obra  
como se fosse pecado  
pintar aquela senhora  
sem estar ajoelhado  
orava como se a obra  
fosse de deus não do homem  
podem ficar com a realidade  
esse baixo-astral  
em que tudo entra pelo cano  
eu quero viver de verdade  
eu fico com o cinema americano

## **litogravura**

Mão de estátua.  
Templo. Coluna. Arco de triunfo.  
Mil duzentos e cinquenta.  
Qualquer pedra na Europa  
é suspeita de ser  
mais do que aparenta.  
Felizes as pedras da minha terra

que nunca foram senão pedras.

Pedras, a lua esfria

e o sol esquenta.

### **rimas da moda**

1930	1960	1980
amor	homem	ama
dor	come	cama
	fome	

eu ontem tive a impressão

que deus quis falar comigo

não lhe dei ouvidos

quem sou eu para falar com deus?

ele que cuide dos seus assuntos

eu cuido dos meus

### **300 000 km por segundo**

De que música gostam

os pernilongos?

De Schubert, de Wagner,

de Debussy?

Não gostam de nada,

a julgar por este aqui.

Apenas um solo de silêncio,

isso sim,

eu ouvi.

### **parada cardíaca**

Essa minha secura

essa falta de sentimento

não tem ninguém que segure

vem de dentro

Vem da zona escura

donde vem o que sinto

sinto muito

sentir é muito lento

como se eu fosse júlio plaza

prazer

da pura percepção

os sentidos

sejam a crítica

da razão

### **sortes e cortes**

a linha clara a tesoura traça na folha branca

separa a folha a folha da forma a forma  
um diabo habita o branco do olho da página  
claro oculto entre as claridades  
o vazio passa e deixa uma saudade

### **imprecisa premissa**

*(quantas curitibas cabem numa só Curitiba?)*

Cidades pequenas,  
como dói esse silêncio,  
cantilenas, ladainhas,  
tudo aquilo que nem penso,  
esse excesso  
que me faz ver todo o senso,  
imprecisa premissa,  
definitiva preguiça  
com que sobe, indeciso,  
o mais ou menos do incenso.  
Vila de Nossa Senhora  
da Luz dos Pinhais,  
tende piedade de nós.

### **hard feelings**

*(a riddle for Martha)*

Oceans,  
emotions,  
ships, ships,  
and other relationships,  
keep us going  
through the fog  
and wandering mist.  
What is it  
that I missed?

### **sujeito indireto**

Quem dera eu achasse um jeito  
de fazer tudo perfeito,  
feito a coisa fosse o projeto  
e tudo já nascesse satisfeito.  
Quem dera eu visse o outro lado,  
o lado de lá, lado meio,  
onde o triângulo é quadrado  
e o torto parece direito.  
Quem dera um ângulo reto.  
Já começo a ficar cheio  
de não saber quando eu falto,



de ser, mim, indireto sujeito.  
para que leda me leia  
precisa papel de seda  
precisa pedra e areia  
para que leia me leda  
precisa lenda e certeza  
precisa ser e sereia  
para que apenas me veja  
pena que seja leda  
quem quer você que me leia

Este poema já foi musicado duas vezes. Uma por Moraes Moreira, outra por Itamar Assumpção. Que tal você?

## **pareça e desapareça**

Parece que foi ontem.

Tudo parecia alguma coisa.

O dia parecia noite.

E o vinho parecia rosas.

Até parece mentira,

tudo parecia alguma coisa.

O tempo parecia pouco,

e a gente se parecia muito.

A dor, sobretudo,

parecia prazer.

Parecer era tudo

que as coisas sabiam fazer.

O próximo, eu mesmo.

Tão fácil ser semelhante,

quando eu tinha um espelho

pra me servir de exemplo.

Mas vice-versa e vide a vida.

Nada se parece com nada.

A fita não coincide

Com a tragédia encenada.

Parece que foi ontem.

O resto, as próprias coisas contem.

**ais ou menos**

## **ais ou menos**

*(oração pela descrença)*

Senhor,  
peço poderes sobre o sono,  
esse sol em que me ponho  
a sofrer meus ais ou menos,  
sombra, quem sabe, dentro de um sonho.  
Quero forças para o salto  
do abismo onde me encontro  
ao hiato onde me faltou.  
Por dentro de mim, a pedra,  
e, aos pés da pedra,  
essa sombra, pedra que se esfalha.  
Pedra, letra, estrela à solta,  
sim, quero viver sem fé,  
levar a vida que falta  
sem nunca saber quem é.

## **voláteis**

Anos andando no mato,  
nunca vi um passarinho morto,  
como vi um passarinho nato.  
Onde acabam esses voos?  
Dissolvem-se no ar, na brisa, no ato?  
São solúveis em água ou em vinho?  
Quem sabe, uma doença dos olhos.  
Ou serão eternos os passarinhos?

## **como pode?**

Soa estranho, esta manhã,  
tudo o que sempre foi meu, como pode?  
Como pode que esse som lá fora,  
os sons da vida, a voz de todo dia,  
pareça ficção científica?  
Como pode que esta palavra,  
que já vi mil vezes e mil vezes disse,  
não signifique mais nada,  
a não ser que o dia, a noite, a madrugada,  
a não ser que tudo não é nada disso?  
Pode que eu já não seja mais o mesmo.  
Pode a luz, pode ser, pode céu e pode quanto.  
Pode tudo o que puder poder.  
Só não pode ser tanto.  
Marginal é quem escreve à margem,

deixando branca a página  
para que a paisagem passe  
e deixe tudo claro à sua passagem.  
Marginal, escrever na entrelinha,  
sem nunca saber direito  
quem veio primeiro,  
o ovo ou a galinha.

### **rosa rilke raimundo correia**

Uma pálpebra,  
mais uma, mais outras,  
enfim, dezenas  
de pálpebras sobre pálpebras  
tentando fazer  
das minhas trevas  
alguma coisa a mais  
que lágrimas

### **três metades**

Meio dia,  
um dia e meio,  
meio dia, meio noite,  
metade deste poema  
não sai na fotografia,  
metade, metade foi-se.  
Mas eis que a terça metade,  
aquela que é menos dose  
de matemática verdade  
do que soco, tiro, ou coice,  
vai e vem como coisa  
de ou, de nem, ou de quase.  
Como se a gente tivesse  
metades que não combinam,  
três partes, destempestades,  
três vezes ou vezes três,  
como se quase, existindo,  
só nos faltasse o talvez.

impuro espírito  
raro respiro  
o ar que aqui tenta  
arquiteto  
um vago voo  
vampiro  
ai daqueles

que se amaram sem nenhuma briga  
aqueles que deixaram  
que a mágoa nova  
virasse a chaga antiga  
ai daqueles que se amaram  
sem saber que amar é pão feito em casa  
e que a pedra só não voa  
porque não quer  
não porque não tem asa

### **o atraso pontual**

Ontens e hojes, amores e ódio,  
adianta consultar o relógio?  
Nada poderia ter sido feito,  
a não ser no tempo em que foi lógico.  
Ninguém nunca chegou atrasado.  
Bênçãos e desgraças  
vêm sempre no horário.  
Tudo o mais é plágio.  
Acaso é este encontro  
entre o tempo e o espaço  
mais do que um sonho que eu conto  
ou mais um poema que eu faço?  
Nem tudo envelhece.  
O brilho púrpura,  
sob a água pura,  
ah, se eu pudesse.  
Nem tudo,  
sentir fica.  
Fica como fica a magnólia,  
magnífica.

### **segundo consta**

O mundo acabando,  
podem ficar tranquilos.  
Acaba voltando  
tudo aquilo.  
Reconstruam tudo  
segundo a planta dos meus versos.  
Vento, eu disse como.  
Nuvem, eu disse quando.  
Sol, casa, rua,  
reinos, ruínas, anos,  
disse como éramos.

Amor, eu disse como.  
E como era mesmo?  
peguei as cinco estrelas  
do céu uma a uma  
elas estrelas não vieram  
mas na minha mão  
todas elas  
ainda me perfuma

### **asas e azares**

Voar com asa ferida?  
Abram alas quando eu falo.  
Que mais foi que fiz na vida?  
Fiz, pequeno, quando o tempo  
estava todo do meu lado  
e o que se chama passado,  
passatempo, pesadelo,  
só me existia nos livros.  
Fiz, depois, dono de mim,  
quando tive que escolher  
entre um abismo, o começo,  
e essa história sem fim.  
Asa ferida, asa  
ferida,  
meu espaço, meu herói.  
A asa arde. Voar, isso não dói.

### **razão de ser**

Escrevo. E pronto.  
Escrevo porque preciso,  
preciso porque estou tonto.  
Ninguém tem nada com isso.  
Escrevo porque amanhece,  
e as estrelas lá no céu  
lembram letras no papel,  
quando o poema me anoitece.  
A aranha tece teias.  
O peixe beija e morde o que vê.  
Eu escrevo apenas.  
Tem que ter por quê?

### **desaparecença**

Nada com nada se assemelha.  
Qual seria a diferença  
entre o fogo do meu sangue

e esta rosa vermelha?  
Cada coisa com seu peso,  
cada quilômetro, seu quilo.  
De que é que adianta dizê-lo,  
*isto, sim, é como aquilo?*  
Tudo o mais que acontece,  
nunca antes sucedeu.  
E mesmo que sucedesse,  
acontece que esqueceu.  
Coisas não são parecidas,  
nenhum paralelo possível.  
Estamos todos sozinhos.  
Eu estou, tu estás, eu estive.

### **impasse**

Parece coisa da pedra,  
alguma pedra preciosa,  
vidro capaz de treva,  
névoa capaz de prosa.  
Pela pele, é lírio,  
aquela pura delícia.  
Mas, por ela, a vida,  
a mancha horrível, desliza.

### **diversonagens suspensas**

Meu verso, temo, vem do berço.  
Não versejo porque eu quero,  
versejo quando converso  
e converso por conversar.  
Pra que sirvo senão pra isto,  
pra ser vinte e pra ser visto,  
pra ser versa e pra ser vice,  
pra ser a supersuperfície  
onde o verbo vem ser mais?  
Não sirvo pra observar.  
Verso, persevero e conservo  
um susto de quem se perde  
no exato lugar onde está.  
Onde estará meu verso?  
Em algum lugar de um lugar,  
onde o avesso do inverso  
começa a ver e ficar.  
Por mais prosas que eu perverta,  
não permita Deus que eu perca



meu jeito de versejar.

### **narájow**

Uma mosca pouse no mapa  
e me pouse em Narájow,  
a aldeia donde veio  
o pai do meu pai,  
o que veio fazer a América,  
o que vai fazer o contrário,  
a Polônia na memória,  
o Atlântico na frente,  
o Vístula na veia.

Que sabe a mosca da ferida  
que a distância faz na carne viva,  
quando um navio sai do porto  
jogando a última partida?  
Onde andou esse mapa  
que só agora estende a palma  
para receber essa mosca,  
que nele cai, matemática?

### **pergunte ao pó**

cresce a vida  
cresce o tempo  
cresce tudo  
e vira sempre  
esse momento  
cresce o ponto  
bem no meio  
do amor seu centro  
assim como  
o que a gente sente  
e não diz  
cresce dentro

### **v, de viagem**

Viajar me deixa  
a alma rasa,  
perto de tudo,  
longe de casa.  
Em casa, estava a vida,  
aquela que, na viagem,  
viajava, bela  
e adormecida.  
A vida viajava

mas não viajava eu,  
que toda viagem  
é feita só de partida.

### **ler pelo não**

Ler pelo não, quem dera!  
Em cada ausência, sentir o cheiro forte  
do corpo que se foi,  
a coisa que se espera.  
Ler pelo não, além da letra,  
ver, em cada rima vera, a prima pedra,  
onde a forma perdida  
procura seus etcéteras.  
Desler, tresler, contraler,  
enlear-se nos ritmos da matéria,  
no fora, ver o dentro e, no dentro, o fora,  
navegar em direção às Índias  
e descobrir a América.  
Adeus, coisas que nunca tive,  
dívidas externas, vaidades terrenas,  
lupas de detetive, adeus.  
Adeus, plenitudes inesperadas,  
sustos, ímpetos e espetáculos, adeus.  
Adeus, que lá se vão meus ais.  
Um dia, quem sabe, sejam seus,  
como um dia foram dos meus pais.  
Adeus, mamãe, adeus, papai, adeus,  
adeus, meus filhos, quem sabe um dia  
todos os filhos serão meus.  
Adeus, mundo cruel, fábula de papel,  
sopro de vento, torre de babel,  
adeus, coisas ao léu, adeus.

### **último aviso**

caso alguma coisa me acontecer,  
informem a família,  
foi assim, assim tinha que ser  
tinha que ser dor e dor  
esse processo de crescer  
tinha que vir dobrado  
esse medo de não ser  
tinha que ser mistério  
esse meu modo de desaparecer  
um poema, por exemplo,

caso alguma coisa me suceder,  
vá que seja um indício  
quem sabe ainda não acabei de escrever

### **despropósito geral**

Esse estranho hábito,  
escrever obras-primas,  
não me veio rápido.  
Custou-me rimas.  
Umas, paguei caro,  
liras, vidas, preços máximos.  
Umas, foi fácil.  
Outras, nem falo.  
Me lembro duma  
que desfiz a socos.  
Duas, em suma.  
Bati mais um pouco.  
Esse estranho abuso,  
adquiri, faz séculos.  
Aos outros, as músicas.  
Eu, senhor, sou todo ecos.

### **m, de memória**

Os livros sabem de cor  
milhares de poemas.  
Que memória!  
Lembrar, assim, vale a pena.  
Vale a pena o desperdício,  
Ulisses voltou de Troia,  
assim como Dante disse,  
o céu não vale uma história.  
Um dia, o diabo veio  
seduzir um doutor Fausto.  
Byron era verdadeiro.  
Fernando, pessoa, era falso.  
Mallarmé era tão pálido,  
mais parecia uma página.  
Rimbaud se mandou pra África,  
Hemingway de miragens.  
Os livros sabem de tudo.  
Já sabem deste dilema.  
Só não sabem que, no fundo,  
ler não passa de uma lenda.

**até mais**

Até tu, matéria bruta,  
até tu, madeira, massa e músculo,  
vodka, fígado e soluço,  
luz de vela, papel, carvão e nuvem,  
pedra, carne de abacate, água de chuva,  
unha, montanha, ferro em brasa,  
até vocês sentem saudade,  
queimadura de primeiro grau,  
vontade de voltar pra casa?  
Argila, esponja, mármore, borracha,  
cimento, aço, vidro, vapor, pano e cartilagem,  
tinta, cinza, casca de ovo, grão de areia,  
primeiro dia de outono, a palavra primavera,  
número cinco, o tapa na cara, a rima rica,  
a vida nova, a idade média, a força velha,  
até tu, minha cara matéria,  
lembra quando a gente era apenas uma ideia?

### **incenso fosse música**

isso de querer  
ser exatamente aquilo  
que a gente é  
ainda vai  
nos levar além  
gardênias e hortênsias  
não façam nada  
que me lembre  
que a este mundo eu pertença  
deixem-me pensar  
que tudo não passa  
de uma terrível coincidência  
À glória sucede  
o que sucede à água:  
por mais água que beba,  
qual lhe sacia a sede?  
Diverso o sucesso,  
basta-lhe um verso  
para essa desgraça  
que se chama dar certo.

### **objeto sujeito**

você nunca vai saber  
quanto custa uma saudade  
o peso agudo no peito

de carregar uma cidade  
pelo lado de dentro  
como fazer de um verso  
um objeto sujeito  
como passar do presente  
para o pretérito perfeito  
nunca saber direito  
você nunca vai saber  
o que vem depois de sábado  
quem sabe um século  
muito mais lindo e mais sábio  
quem sabe apenas  
mais um domingo  
você nunca vai saber  
e isso é sabedoria  
nada que valha a pena  
a passagem pra pasárgada  
xanadu ou shangrilá  
quem sabe a chave  
de um poema  
e olha lá

**poesia: 1970**

Tudo o que eu faço  
alguém em mim que eu desprezo  
sempre acha o máximo.  
Mal rabisco,  
não dá mais pra mudar nada.  
Já é um clássico.

**kawa cauim**  
**desarranjos florais**



**KAWA**

O ideograma de *kawa*, “rio” em japonês, pictograma de um fluxo de água corrente, sempre me pareceu representar (na vertical) o esquema do haikai, o sangue dos três versos escorrendo na parede da página...

## **hai**

Eis que nasce completo  
e, ao morrer, morre germe,  
o desejo, analfabeto,  
de saber como reger-me,  
ah, saber como me ajeito  
para que eu seja quem fui,  
eis o que nasce perfeito  
e, ao crescer, diminui.

## **kai**

Mínimo templo  
para um deus pequeno,  
aqui vos guarda,  
em vez da dor que peno,  
meu extremo anjo de vanguarda.

De que máscara  
se gaba sua lástima,  
de que vaga  
se vangloria sua história,  
saiba quem saiba.

A mim me basta  
a sombra que se deixa,  
o corpo que se afasta.  
amei em cheio  
meio amei-o  
meio não amei-o  
pelos caminhos que ando  
um dia vai ser  
só não sei quando  
meiodia três cores  
eu disse vento  
e caíram todas as flores  
abrindo um antigo caderno  
foi que eu descobri  
antigamente eu era eterno  
o mar o azul o sábado  
liguei pro céu  
mas dava sempre ocupado  
enfim,  
nu,  
como vim  
viu-me,



e passou,  
como um filme  
**era uma vez**  
o sol nascente  
me fecha os olhos  
até eu virar japonês  
noite sem sono  
o cachorro late  
um sonho sem dono  
rio do mistério  
que seria de mim  
se me levassem a sério?  
choveu  
na carta que você mandou  
quem mandou?  
praias praias sinais  
um olhar tão longe  
esse olhar ninguém olha  
                  jamais  
entre os garotos de bicicleta  
o primeiro vaga-lume  
de mil novecentos e oitenta e sete  
sombras  
derrubam  
sombras  
quando a treva  
está madura  
sombras  
o vento leva  
sombra  
nenhuma  
          dura  
primeiro frio do ano  
fui feliz  
se não me engano  
retrato de lado  
retrato de frente  
de mim me faça  
ficar diferente  
na torre da igreja  
o passarinho pausa  
pousa assim feito pousasse

o efeito na causa  
entre  
a água  
e o chá  
desab  
rocha  
o maracujá  
ano novo  
anos buscando  
um ânimo novo  
alvorada  
alvoroço  
troco minha alma  
por um almoço  
**temporal**  
fazia tempo  
que eu não me sentia  
tão sentimental  
cortinas de seda  
o vento entra  
sem pedir licença  
lua à vista  
brilhavas assim  
sobre auschwitz?  
hoje à noite  
lua alta  
faltei  
e ninguém sentiu  
a minha falta  
tudo dito,  
nada feito,  
fito e deito  
tarde de vento  
até as árvores  
querem vir para dentro  
tudo claro  
ainda não era o dia  
era apenas o raio

**la vie en close**

**[1991]**

## **nota do editor**

O livro *La vie en close* foi publicado postumamente, em 1991, pela editora Brasiliense. Reúne textos selecionados por Leminski e Alice Ruiz S em 1988, além de alguns poemas que ele escreveu até a sua morte, em 1989, e poemas mais antigos, como “o esplêndido corcel”, que integrava o volume *Não fosse isso e era menos não fosse tanto e era quase* (1980). O processo de seleção é descrito em detalhe por Alice no texto que aparece nas orelhas da primeira edição, incluído aqui no apêndice.

## **l'être avant la lettre**

la vie en close

c'est une autre chose

c'est lui

    c'est moi

        c'est ça

c'est la vie des choses

qui n'ont pas

    un autre choix

um bom poema  
leva anos  
cinco jogando bola,  
mais cinco estudando sânscrito,  
seis carregando pedra,  
nove namorando a vizinha,  
sete levando porrada,  
quatro andando sozinho,  
três mudando de cidade,  
dez trocando de assunto,  
uma eternidade, eu e você,  
caminhando junto

## **limites ao léu**

POESIA: “words set to music” (Dante via Pound), “uma viagem ao desconhecido” (Maiakóvski), “cernes e medulas” (Ezra Pound), “a fala do infalável” (Goethe), “linguagem voltada para a sua própria materialidade” (Jakobson), “permanente hesitação entre som e sentido” (Paul Valéry), “fundação do ser mediante a palavra” (Heidegger), “a religião original da humanidade” (Novalis), “as melhores palavras na melhor ordem” (Coleridge), “emoção relembrada na tranquilidade” (Wordsworth), “ciência e paixão” (Alfred de Vigny), “se faz com palavras, não com ideias” (Mallarmé), “música que se faz com ideias” (Ricardo Reis/Fernando Pessoa), “um fingimento deveras” (Fernando Pessoa), “criticism of life” (Matthew Arnold), “palavra-coisa” (Sartre), “linguagem em estado de pureza selvagem” (Octavio Paz), “poetry is to inspire” (Bob Dylan), “design de linguagem” (Décio Pignatari), “lo imposible hecho posible” (García Lorca), aquilo que se perde na tradução” (Robert Frost), “a liberdade da minha linguagem” (Paulo Leminski)...

A quem me queima  
e, queimando, reina,  
valha esta teima.  
Um dia, melhor me queira.



## **ouverture la vie en close**

em latim

“porta” se diz “janua”  
e “janela” se diz “fenestra”  
a palavra “fenestra”  
não veio para o português  
mas veio o diminutivo de “janua”,  
“januela”, “portinha”,  
que deu nossa “janela”  
“fenestra” veio

mas não como esse ponto da casa  
que olha o mundo lá fora,  
de “fenestra”, veio “fresta”,  
o que é coisa bem diversa  
já em inglês

“janela” se diz “window”  
porque por ela entra  
o vento (“wind”) frio do norte  
a menos que a fechemos  
como quem abre  
o grande dicionário etimológico  
dos espaços interiores

e ver-te

verde vênus

doendo

no beiracéu

é ver-nos

em puro sonho

onde

ver-te, vida,

é alto ver

através de um véu

## **estupor**

esse súbito não ter

esse estúpido querer

que me leva a duvidar

quando eu devia crer

esse sentir-se cair

quando não existe lugar

aonde se possa ir

esse pegar ou largar

essa poesia vulgar

que não me deixa mentir  
que pode ser aquilo,  
lonjura, no azul, tranquila?  
se nuvem, por que perdura?  
montanha,  
    como vacila?

### **curitibas**

Conheço esta cidade  
como a palma da minha pica.  
Sei onde o palácio  
sei onde a fonte fica,  
Só não sei da saudade  
a fina flor que fabrica.  
Ser, eu sei. Quem sabe,  
esta cidade me significa.

### **como abater uma nuvem a tiros**

sirenes, bares em chamas,  
carros se chocando,  
a noite me chama,  
a coisa escrita em sangue  
nas paredes das danceterias  
e dos hospitais,  
os poemas incompletos  
e o vermelho sempre verde dos sinais

### **sintonia para pressa e presságio**

Escrevia no espaço.  
Hoje, grafo no tempo,  
na pele, na palma, na pétala,  
luz do momento.  
Soo na dúvida que separa  
o silêncio de quem grita  
do escândalo que cala,  
no tempo, distância, praça,  
que a pausa, asa, leva  
para ir do percalço ao espasmo.  
Eis a voz, eis o deus, eis a fala,  
eis que a luz se acendeu na casa  
e não cabe mais na sala.

### **operação de vista**

De uma noite, vim.  
Para uma noite, vamos,  
uma rosa de Guimarães

nos ramos de Graciliano.  
Finnegans Wake à direita,  
un coup de dés à esquerda,  
que coisa pode ser feita  
que não seja pura perda?

### **sigilo de fonte**

Quem há de dizer das linhas  
que as ondas armem e não armem?  
Quem há de dizer das flâmulas,  
lágrimas acesas, tantas lâmpadas,  
milagres, passando rápidas?  
Diga você, já que se sabe  
que nem tudo na água é margem,  
nem tudo é motivo de escândalo,  
nem tudo me diz eu te amo,  
nem tudo na terra é miragem.  
Signos, sonhos, sombras, imagens,  
ninguém vai nunca saber  
quantas mensagens nos trazem.  
lá vai um homem sozinho  
o que ele pensa da noite  
eu não sei  
apenas adivinho  
pensa o que pensa  
todo mundo indo  
um dia  
eu já tive vizinho

### **acidente no km 19**

algo em mim se esvai  
coisa que se esco  
seria a água da vida  
seria outra coisa boa  
tão boa que não tem vida  
em que esta vida não doa?  
hora em que a voz do amor  
como a voz do amor não ecoa?

### **mais ou menos em ponto**

Condenado a ser exato,  
quem dera poder ser vago,  
fogo-fátuo sobre um lago,  
ludibriando igualmente  
quem voa, quem nada, quem mente,

mosquito, sapo, serpente.  
Condenado a ser exato  
por um tempo escasso,  
um tempo sem tempo  
como se fosse o espaço,  
exato me surpreendo,  
losango, metro, compasso,  
o que não quero, querendo.

### **sete assuntos por segundo**

*Ut pictura, poesis...*  
Horácio

Para que serve a pintura  
a não ser quando apresenta  
precisamente a procura  
daquilo que mais aparenta,  
quando ministra quarenta  
enigmas vezes setenta?  
sossegue coração  
ainda não é agora  
a confusão prossegue  
sonhos a fora  
calma calma  
logo mais a gente goza  
perto do osso  
a carne é mais gostosa  
lá fora e no alto  
o céu fazia  
todas as estrelas que podia  
na cozinha  
debaixo da lâmpada  
minha mãe escolhia  
feijão e arroz  
andrômeda para cá  
altair para lá  
sirius para cá  
estrela dalva para lá  
**(aus)**  
simples  
como um sim  
é simples  
mente  
a coisa

mais simples  
que ex  
iste  
assim  
ples  
mente  
de mim  
me dispo  
des  
(aus)  
ente  
atrasos do acaso  
cuidados  
que não quero mais  
o que era pra vir  
veio tarde  
e essa tarde não sabe  
do que o acaso é capaz  
surpresa de ser  
tão solta e tão presa  
a noite dá meivolta  
e volta a ser nossa  
toda a beleza que possa

### **motim de mim (1968-1988)**

xx anos de xis,  
xx anos de xerox,  
xx anos de xadrez,  
não busquei o sucesso,  
não busquei o fracasso,  
busquei o acaso,  
esse deus que eu desfaço.

### **sete dias na vida de uma luz**

durante sete noites  
uma luz transformou  
a dor em dia  
uma luz que eu não sabia  
se vinha comigo  
ou nascia sozinha  
durante sete dias  
uma luz brilhou  
na ala dos queimados  
queimou a dor

queimou a falta  
queimou tudo  
que precisava ser cauterizado  
milagre além do pecado  
que sentido pode ter  
mais significado?

*Hospital S. Vicente  
Ala dos Queimados  
Curitiba, outubro de 1987*

### **com quantos paulos**

paulos paulos paulos  
quantos paulos são preciso  
para fazer um são paulo?  
idades idades idades  
quanto dá uma alma  
dividida por duas cidades?  
vez como aquela  
só mesmo a primeira  
mal cheguei a chorar  
uma lágrima inteira  
largue uma lágrima  
o primeiro que viu  
o luar de janeiro  
é primeiro de abril

### **in honore ordinis sancti benedicti**

à ordem de são bento  
a ordem que sabe  
que o fogo é lento  
e está aqui fora  
a ordem que vai dentro  
a ordem sabe  
que tudo é santo  
a hora a cor a água  
o canto o incenso o silêncio  
e no interior do mais pequeno  
abre-se profundo  
a flor do espaço mais imenso

### **ímpar ou ímpar**

Pouco rimo tanto com faz.  
Rimo logo ando com quando,  
mirando menos com mais.  
Rimo, rimas, miras, rimos,  
como se todos rimássemos,

como se todos nós ríssemos,  
se amar (rimar) fosse fácil.  
Vida, coisa pra ser dita,  
como é fita este fado que me mata.  
Mal o digo, já meu siso se conflita  
com a cisma que, infinita, me dilata.

alguém parado  
é sempre suspeito  
de trazer como eu trago  
um susto preso no peito,  
um prazo, um prazer, um estrago,  
um de qualquer jeito,  
sujeito a ser tragado  
pelo primeiro que passar  
parar dá azar

### **quem sai aos seus**

vozes a mais  
vozes a menos  
a máquina em nós  
que gera provérbios  
é a mesma que faz poemas,  
somas com vida própria  
que podem mais que podemos

### **suprassumos da quintessência**

O papel é curto.  
Viver é comprido.  
Oculto ou ambíguo,  
Tudo o que digo  
tem ultrasentido  
Se rio de mim,  
me levem a sério.  
Ironia estéril?  
Vai nesse ínterim,  
meu inframistério.  
Andar e pensar um pouco,  
que só sei pensar andando.  
Três passos, e minhas pernas  
já estão pensando.  
Aonde vão dar estes passos?  
Acima, abaixo?  
Além? Ou acaso  
se desfazem ao mínimo vento

sem deixar nenhum traço?  
você está tão longe  
que às vezes penso  
que nem existo  
nem fale em amor  
que amor é isto

### **cine luz**

o cine tua sina  
o filme FEEL ME  
signema  
me segure firme  
cine me ensine  
a ser sim  
e a ser senda

vezes sem conta tenho vontade  
de que nada mude  
meiavoltavolver  
mudar é tudo que pude  
este mundo está perdido  
disperso entre o escrito  
e o espírito ruído  
entre o físico e o químico  
flui o sentido, líquido  
viver é grande  
porque eu sinto tua falta  
já que arrasto por aí  
esse falso ainda  
minha alma torta  
e a falta faz que vai  
mas volta  
no meio da ida e da vinda

### **estrelas fixas**

Aqui sentiram centenas  
as penas que lhes convêm.  
Sentindo cena por cena,  
alguém lembrou de um poema  
que lhe lembrava de alguém.  
Rimas mil girem vertigens,  
sinto medos de existir.  
Estes versos existirem,  
já não preciso sentir.

### **round about midnight**



um vulto suspeito  
e o pulo de um susto  
à solta no peito  
no beco sem saída  
caminhos a esmo  
o leque de abismos  
entre um eco  
e seus mesmos

### **erra uma vez**

nunca cometo o mesmo erro  
duas vezes  
já cometo duas três  
quatro cinco seis  
até esse erro aprender  
que só o erro tem vez

Quem dera eu fosse um músico  
que só tocasse os clássicos,  
a plateia chorando  
e eu contando os compassos.  
Se eu soubesse agora,  
como eu soube antes,  
a dança alegórica  
entre as vogais e as consoantes!  
Senhor que prometestes  
a vida eterna aos filhos de São Bento  
obrigado pelos invernos ao vento  
e pelo invento do inferno  
ainda aqui nesta terra

### **rumo ao sumo**

Disfarça, tem gente olhando.  
Uns, olham pro alto,  
cometas, luas, galáxias.  
Outros, olham de banda,  
lunetas, luars, sintaxes.  
De frente ou de lado,  
sempre tem gente olhando,  
olhando ou sendo olhado.  
Outros olham para baixo,  
procurando algum vestígio  
do tempo que a gente acha,  
em busca do espaço perdido.  
Raros olham para dentro,

já que dentro não tem nada.  
Apenas um peso imenso,  
a alma, esse conto de fada.

**transpenumbra**  
tempestade

que passasse  
deixando intactas as pétalas  
você passou por mim

as tuas asas abertas  
passou  
mas sinto ainda uma dor  
no ponto exato do corpo  
onde tua sombra tocou  
que raio de dor é essa  
que quanto mais dói  
mais sai sol?

página ó página casa materna  
onde encontro sempre espanto  
o mesmo sempre manso branco  
quando penetro numa caverna

**textos textos textos**  
malditas placas fenícias  
cobertas de riscos rabiscos  
como me deixastes os olhos piscos  
a mente torta de malícias  
ciscos

pedaço de prazer  
perdido  
num canto do quarto escuro  
inferno paraíso  
vivo ou morto  
te procuro  
veloz  
como a própria voz  
elo e duelo  
entre eu e ela  
virando e revirando nós  
o esplêndido corcel  
vê a sombra do chicote  
e corre, esplendores do cavalo  
em labirintos de crina  
incentivado pelo vento

cancela espaços de quimera  
consumindo o tempo  
pira que heróis incinera  
tinha ímpetos de céu  
e sofreguidão sobre o mar  
as campinas cerúleas do polo  
o céu pele de onça  
e slides do zodíaco  
as campinas dolorosas do pélogo  
onde pascem peixes  
e o nó dos polvos chacina o sol  
Aqui a fábula falha  
no enjojo do jogar das ondas  
fere os cascos nas estrelas  
e picado pelos gumes  
das feras do horóscopo  
turva-se um pouco  
cai a vigília no sonho  
lúcido e súbito já que mártir  
Fica na terra, cavalo  
o olho cheio de estrelas  
o corpo palhaço das ondas  
e o coração no peito  
feito um pião dormindo!  
quem chega tarde  
deve andar devagar  
andar como quem parte  
para nenhum lugar  
vida que me venta  
sina que me brisa  
só te inventa  
quem te precisa

*om/ zaúm p/ roman óssipovitch jákobson*

EU

O mundo desabava em tua volta,  
e tu buscavas a alma que se esconde  
no coração da sílaba SIM.  
Consoante? Vogal? Um trem para Oslo.  
Pares, contrastes, Moscou, línguas transmentais.  
Na noite nórdica, um rabino, viking,  
sonha um céu de oclusivas e bilabiaais.

RO

Um mundo, o velho mundo, árvore no outono,  
Hitler entra em Praga, Rússia, revolútzia,  
até nunca mais!

A lábiavelar tcheca  
só vai até os montes Urais.

PA

Roma, Rôman, romântico romã,  
Jak, Jákob, Jákobson, filho de Jacó,  
preservar as palavras dos homens.  
Enquanto houver um fonema,  
eu nunca vou estar só.

as coisas

não começam

com um conto

nem acabam com um •

**donna mi priega 88**

se amor é troca

ou entrega louca

discutem os sábios

entre os pequenos

e os grandes lábios

no primeiro caso

onde começa o acaso

e onde acaba o propósito

se tudo o que fazemos

é menos que amor

mas ainda não é ódio?

a tese segunda

evapora em pergunta

que entrega é tão louca

que toda espera é pouca?

qual dos cinco mil sentidos

está livre de mal-entendidos?

**não se esqueça de parecer comigo**

isso não estava aqui ontem

ontem era um dia pobre, metade,

mendigando ouro

à mísera eternidade

hoje é um dia rico

um mundo cheio de luz e lágrima

força flor milagre e risco

o dia de hoje se olha no espelho

e só parece ontem  
a mesma brisa a bruma idêntica  
e essa neblina intensa  
que nos obriga a fechar os olhos  
e ler nas entrelinhas  
os abismos de nós mesmos  
hoje, sim, é maravilha,  
hoje, finalmente, eu não sei

*dia das mães/1988*

**R**

**(anos-luz, anos-treva)**

Ler, ver,  
e entre o V e o L  
entrevêr aquele

R

erre

que me (rêve) revele

Ler trevas. Nas letras, ler tudo o que de ler não te atrevas. Ler mais. Ler além. Além do bem. Além do mal. Além do além. Horas extras ou etcéteras, adeus, amém. Busquem outros a velocidade da luz. Eu busco a velocidade da treva.

tout est déjà dit  
dans un jardin  
jadis

fernando uma pessoa  
j'ai perdu ma vie  
par délicatesse?  
oui  
rimbaud  
moi  
aussi

### **blade runner waltz**

Em mil novecentos e oitenta e sempre,  
ah, que tempos aqueles,  
dançamos ao luar, ao som da valsa  
A Perfeição do Amor Através da Dor e da Renúncia,  
nome, confesso, um pouco longo,  
mas os tempos, aquele tempo,  
ah, não se faz mais tempo  
como antigamente.

Aquilo sim é que eram horas,  
dias enormes, semanas anos, minutos milênios,  
e toda aquela fortuna em tempo  
a gente gastava em bobagens,  
amar, sonhar, dançar ao som da valsa,  
aquelas falsas valsas de tão imenso nome lento  
que a gente dançava em algum setembro  
daqueles mil novecentos e oitenta e sempre.

Tudo é vago e muito vário,  
meu destino não tem siso,  
o que eu quero não tem preço,  
ter um preço é necessário,  
e nada disso é preciso

### **voyage au bout de la nuit**

o peito ensanguentado de verdades  
rolo na rua esta cabeça calva e cega  
não serve mais ao diabo que a carrega

### **ópera fantasma**

Nada tenho.  
Nada me pode ser tirado.  
Eu sou o ex-estranho,  
o que veio sem ser chamado  
e, gato, se foi

sem fazer nenhum ruído.

### **profissão de febre**

quando chove,  
eu chovo,  
faz sol,  
eu faço,  
de noite,  
anoiteço,  
tem deus,  
eu rezo,  
não tem,  
esqueço,  
chove de novo,  
de novo, chovo,  
assobio no vento,  
daqui me vejo,  
lá vou eu,  
gesto no movimento  
Sete e dez.

Aqui jaz o sol,  
sombra a meus pés.  
Trevas.

Que mais pode ler  
um poeta que se preza?

### **água em água**

pedirem um milagre  
nem pisco  
transformo água em água  
e risco em risco  
Esta vida de eremita  
é, às vezes, bem vazia.  
Às vezes, tem visita.  
Às vezes, apenas esfria.

### **ao pé da pena**

todo sujo de tinta  
o escriba volta pra casa  
cabeça cheia de frases alheias  
frases feitas  
letras feias  
linhas lindas  
a pele queima  
as palavras esquecidas

formas formigas  
todas as palavras da tribo  
por elas  
trocou a vida  
dias luzes madrugadas  
hoje  
quando volta pra casa  
página em branco e em brasa  
asa lá se vai  
dá de cara com nada  
com tudo dentro  
sai

### **alvorada em alfa**

todo o peso  
com que me meço  
vejo e invejo  
e neste largo ver  
me largo vendo  
até não mais poder  
descompreendendo  
o que vi  
foi puro e longo ver  
quem vi  
ver verá  
só o que vira  
    virá  
e no que ver  
    virará  
o bicho alfabeto  
tem vinte e três patas  
ou quase  
por onde ele passa  
nascem palavras  
e frases  
com frases  
se fazem asas  
palavras  
o vento leve  
o bicho alfabeto  
passa  
fica o que não se escreve  
um homem com uma dor



é muito mais elegante  
caminha assim de lado  
como se chegando atrasado  
andasse mais adiante  
carrega o peso da dor  
como se portasse medalhas  
uma coroa um milhão de dólares  
ou coisa que os valha  
ópios édens analgésicos  
não me toquem nessa dor  
ela é tudo que me sobra  
sofrer vai ser minha última obra

### **tibagi**

presa no tempo  
a lua  
lá  
como se para sempre  
o verde  
ali  
cumprindo seu dever  
ser verde  
até não mais poder

### **abaixo o além**

de dia  
céu com nuvens  
ou céu sem  
de noite  
não tendo nuvens  
estrela  
sempre tem  
quem me dera  
um céu vazio  
azul isento  
de sentimento  
e de cio  
isso sim me assombra e deslumbra  
como é que o som penetra na sombra  
e a pena sai da penumbra?  
A morte, a gente comemora.  
No meu peito, cai a Roma,  
que, caída embora,  
nenhum bárbaro doma.

As romãs que assim tivermos  
e os esplendores da pessoa,  
a impropriedade dos termos,  
a quem doer, doa.

### **o ex-estranho**

passageiro solitário  
o coração como alvo,  
sempre o mesmo, ora vário,  
aponta a seta, sagitário,  
para o centro da galáxia

### **o que passou passou?**

Antigamente, se morria.  
1907, digamos, aquilo sim  
é que era morrer.  
Morria gente todo dia,  
e morria com muito prazer,  
já que todo mundo sabia  
que o Juízo, afinal, viria,  
e todo mundo ia renascer.  
Morria-se praticamente de tudo.  
De doença, de parto, de tosse.  
E ainda se morria de amor,  
como se amar morte fosse.  
Pra morrer, bastava um susto,  
um lenço no vento, um suspiro e pronto,  
lá se ia nosso defunto  
para a terra dos pés juntos.  
Dia de anos, casamento, batizado,  
morrer era um tipo de festa,  
uma das coisas da vida,  
como ser ou não ser convidado.  
O escândalo era de praxe.  
Mas os danos eram pequenos.  
Descansou. Partiu. Deus o tenha.  
Sempre alguém tinha uma frase  
que deixava aquilo mais ou menos.  
Tinha coisas que matavam na certa.  
Pepino com leite, vento encanado,  
praga de velha e amor mal curado.  
Tinha coisas que tem que morrer,  
tinha coisas que tem que matar.  
A honra, a terra e o sangue

mandou muita gente praquele lugar.  
Que mais podia um velho fazer,  
nos idos de 1916,  
a não ser pegar pneumonia,  
deixar tudo para os filhos  
e virar fotografia?  
Ninguém vivia pra sempre.  
Afinal, a vida é um upa.  
Não deu pra ir mais além.  
Mas ninguém tem culpa.  
Quem mandou não ser devoto  
de Santo Inácio de Acapulco,  
Menino Jesus de Praga?  
O diabo anda solto.  
Aqui se faz, aqui se paga.  
Almoçou e fez a barba,  
tomou banho e foi no vento.  
Não tem o que reclamar.  
Agora, vamos ao testamento.  
Hoje, a morte está difícil.  
Tem recursos, tem asilos, tem remédios.  
Agora, a morte tem limites.  
E, em caso de necessidade,  
a ciência da eternidade  
inventou a criônica.  
Hoje, sim, pessoal, a vida é crônica.

### **lápide 1**

#### **epitáfio para o corpo**

Aqui jaz um grande poeta.  
Nada deixou escrito.  
Este silêncio, acredito,  
são suas obras completas.

### **lápide 2**

#### **epitáfio para a alma**

aqui jaz um artista  
mestre em desastres  
viver  
com a intensidade da arte  
levou-o ao infarte  
deus tenha pena  
dos seus disfarces  
minha memória evapore

feito a água  
de uma lágrima  
minha lembrança se vá  
sem deixar lembrança alguma  
em seu devido lugar  
se um dia eu esquecer  
que você nunca me esquecerá  
desmantelar  
a máquina do amor  
peça por peça  
onde luzia flor e flor  
não deixar nem promessa  
isso sim eu faria  
se pudesse  
transformar em pedra fria  
minha prece  
amarga mágua  
o pobre pranto tem  
por que cargas-d'água  
chove tanto

e você não vem?

### **minioração fúnebre para rené descartes**

*Bene vixit qui bene latuit\**

Repousa sob a laje  
o que viveu oculto.  
Poupem-no do ultraje  
do tumulto.

\* “Bem viveu quem viveu oculto”, lema de Descartes. (N. A.)

a quem  
interessa  
esse  
além  
sem pressa  
?  
a mim  
este  
aquém  
o  
além  
a  
quem  
interessar

possa

podia passar  
a vida inteira assim  
olhando a lua  
a boca cheia de luz  
e na cabeça nem sombra  
da palavra glória

### **extra**

precisa surpresa  
a brisa passa e me deixa acesa  
asa que não soube ser estrela  
cena que não reprisa  
fala desfeita em reza  
rosa fervida em mel  
sobrenite alémfloresta  
aquela estrela é uma fresta  
por onde vejo nascer

um novo céu

um dia sobre nós também  
vai cair o esquecimento  
como a chuva no telhado  
e sermos esquecidos  
será quase a felicidade

### **luto por mim mesmo**

a luz se põe  
em cada átomo do universo  
noite absoluta  
desse mal a gente adoece  
como se cada átomo doesse  
como se fosse esta a última luta  
o estilo desta dor  
é clássico  
dói nos lugares certos  
sem deixar rastros  
dói longe dói perto  
sem deixar restos  
dói nos himalaías, nos interstícios  
e nos países baixos  
uma dor que goza  
como se doer fosse poesia  
já que tudo mais é prosa  
Faça os gestos certos,

o destino vai ser teu aliado,  
ouço uma voz dizendo  
do fundo mais fundo do passado.  
Hoje, não faço nada direito,  
que é preciso muito mais peito  
pra fazer tudo de qualquer jeito.  
Ai do acaso,  
se não ficar do meu lado.

### **travelling life**

*(para Bere)*

é como se fosse uma guerra  
onde o mau cabrito briga  
e o bom cabrito não berra  
é como se fosse uma terra  
estrangeira até pra ela  
como se fosse uma tela  
onde cada filme que passa  
toda imagem congela  
é como se fosse a fera  
que a cada dia que roda e rola  
mais e mais se revela

### **amor bastante**

quando eu vi você  
tive uma ideia brilhante  
foi como se eu olhasse  
de dentro de um diamante  
e meu olho ganhasse  
mil faces num só instante  
basta um instante  
e você tem amor bastante

### **luz versus luz**

de ilusão em ilusão  
até a desilusão  
é um passo sem solução  
um abraço

um abismo

um

solução

adeus a tudo que é bom  
quem parece são não é  
e os que não parecem são  
matar, a forma mais alta de amar,

matar em nós a vontade de matar,  
voltar a matar a vontade,  
matar, sempre, matar,  
mesmo que, para isso,  
seja preciso todo o nosso amar

## **vezes versus reveses**

um flash back

um flash back dentro de um flash back

um flash back dentro de um flash back de

um flash back

um flash back dentro do terceiro flash back

a memória cai dentro da memória

pedraflor na água lisa

tudo cansa (flash back)

menos a lembrança da lembrança da lembrança

da lembrança



haja  
hoje  
p /  
tanto  
hontem

p.l.

só  
o  
ex  
isto  
ex  
ist

plewinski  
88

## **obra**

cobra

dobra

manobra

obra

sobra

V. a f. dos v. em

*obrar : desdobra.*

t  
e  
n  
t  
e  
v  
e  
r  
t  
e  
n  
t  
e  
v  
e  
r  
t  
a  
n  
t  
o  
a  
t  
é  
n  
a  
d  
a  
a  
v  
e  
r  
a  
n  
d  
o  
s  
e  
r  
e  
s  
p  
a  
n  
t  
o

v  
e  
r  
t  
e  
n  
t  
e

## anfíbios

a pena chama	a chama vela a pena chama a vela pena	a chama traça a vela a traça vela a pena	a traça vara a parte lança a chama parte	a lança vara a chama traça a vara vela
a dura dita chama a pena dura	a vela sua a chama vela a sua chama	a dita dura vela a dura vara	a pena pára para para para	a chama pena

não	espere	mil	agres
neste	meu	acre	ditar
dito	só	porque	disto
mil	línguas	deste	lugar

3.

カワス

“Kawásu” é “sapo”, em japonês. Imagino ter relação original com “kawa”, “rio”. O batráquio é o animal totêmico do haikai, desde aquele memorável momento em que Mestre Bashô flagrou, quando um sapo “tobikômu” (“salta-entra”) no velho tanque, o som da água.



## **mallarmé bashô**

um salto de sapo  
jamais abolirá  
o velho poço  
cinco bares, dez conhaques  
atravesso são paulo  
dormindo dentro de um táxi  
esse voo  
ao vento que mais dói  
eu doo  
beijo com gosto  
    de peixe-espada  
lá longe  
    a água deve estar gelada  
escurece  
cresce tudo  
que carece  
o castelo  
que o general conquistar não pôde  
a sombra das árvores da tarde  
    pode  
ver é violento  
que golpe  
aplicar no vento?  
saber é pouco  
como é que a água do mar  
entra dentro do coco?  
cemitério municipal  
reina a paz e a calma  
em todo o território nacional  
brisa quente  
quem te precisa  
presente  
essa estrada vai longe  
mas se for  
vai fazer muita falta  
que será  
que tem lá embaixo  
que a pedra tomba  
tão fácil?  
coisas do vento  
a rede balança

sem ninguém dentro  
estrela cadente eu olho  
o céu partiu  
para uma carreira solo  
quem me dera  
até para a flor no vaso  
um dia chega a primavera

vazio agudo  
ando meio  
cheio de tudo

fruto suspenso  
a que susto  
pertença?  
tudo dança  
hospedado numa casa  
em mudança  
dia cinzento  
assim me levanto  
assim me sento  
sobressalto  
esse desenho abstrato  
minha sombra no asfalto  
novas telhas  
à primeira chuva  
a nova goteira  
amar é um elo  
entre o azul  
e o amarelo  
velhas fotos  
velha e revelha  
uma flor de lótus  
longo o caminho até o céu  
essa minha alma vagabunda  
com gosto de quarto de hotel

### **insular**

mil milhas de treva  
cercadas de mágua  
por todos os fados  
morreu o periquito  
a gaiola vazia  
esconde um grito  
esta vida é uma viagem  
pena eu estar  
só de passagem  
longo o caminho  
até uma flor  
só de espinho  
arisco asco  
a partir de ti refaço  
uma alma em pedaços  
dia sem senso  
acendo o cigarro

no incenso  
que faz  
    o cruzeiro do sul  
    tão baixo?  
as luzes da minha rua  
    eu acho  
vertigo  
ver te  
comigo  
nadando num mar de gente  
deixei lá atrás  
meu passo à frente  
o dia é um escombro  
o voo das pombas  
sobre as próprias sombras

    inverno  
é tudo o que sinto  
    viver  
é sucinto

que dia é hoje?  
um dia, eu soube  
hoje me foge  
do espanto ao esperanto  
através do ex-pranto  
lá se vai meu por enquanto  
noite alta lua baixa  
pergunte ao sapo  
o que ele coaxa  
primavera de problemas  
a luz das flores grandes  
assombra as flores pequenas  
lua crescente  
o escuro cresce  
a estrela sente  
completa a obra  
o vento sopra  
e o tempo sobra  
pôr de sol pingo de sangue  
a flor cheiro de mel na água cor de leite  
acorda o peixe  
    sonho de fósforo  
para fazer uma teia num minuto

a aranha cobra pouco  
apenas um mosquito  
nu como um grego  
ouço um músico negro  
e me desagrego  
muito romântico  
meu ponto pacífico  
fica no atlântico  
believe it or not  
this very if  
is everything you got  
a noite — enorme  
tudo dorme  
menos teu nome  
o corvo nada em ouro  
nem o céu estraga o voo  
nem o voo dana o céu  
chove no orvalho  
a chave na porta  
como uma flor no galho  
feliz a lesma de maio  
um dia de chuva  
como presente de aniversário  
nem vem que não tem  
nenhum navio ou trem  
me leva a outrem  
entendo  
mas não entendo  
o que estou entendendo  
— que tudo se foda,  
disse ela,  
e se fodeu toda

**tatami-o ou deite-o**

de colchão em colchão  
chego à conclusão  
meu lar é no chão  
madrugada bar aberto  
deve haver algum engano  
                  por perto  
antes é antigo  
chove vinho  
                  sobre um campo de trigo

meianoite  
o silêncio tine  
a sombra vira cena  
o sonho vira cine  
celeumas luas  
onde se lê uma  
leiam-se duas  
essa a vida que eu quero,  
querida  
encostar na minha  
a tua ferida  
estrela sozinha  
de repente uma voz  
falando dentro da minha  
tão doce, tão cedo,  
tão já  
tudo de novo vira começo  
vi vidas, vi mortes,  
nada vi que se medisse  
com o azar que tive  
ao ter você, minha sorte  
de vez em quando  
ando ando ando  
a voz ecoando  
quando quando quando  
lua limpa  
à beira do abismo  
todas as coisas são simples  
Fiz um trato com meu corpo.  
Nunca fique doente.  
Quando você quiser morrer,  
eu deixo.  
vida e morte  
amor e dúvida  
dor e sorte  
quem for louco  
que volte  
acabou a farra  
formigas mascam  
restos da cigarra  
acabo como começo  
canções de fracasso

não fazem mais sucesso

**são não**

não são

são não

rogai por nós

para que não

sejamos senão

minha alma breve breve

o elemento mais leve

na tabela de mendeleiev

essa ideia

ninguém me tira

matéria é mentira



**o ex-estranho**

**[1996]**

## **nota do editor**

Livro póstumo com seleção e organização de Alice Ruiz S e Áurea Leminski, *O ex-estranho* foi publicado pela editora Iluminuras em 1996, em coedição com a Fundação Cultural de Curitiba. A primeira seção, homônima, traz poemas inéditos que o poeta deixou em um envelope junto com uma breve introdução sugestiva do título (dois poemas, apenas, não são totalmente inéditos, pois já apareceram em *La vie en close*, embora não fossem, ainda, definitivos: “johnny b. good” e “Trevas.”); a segunda seção, “Parte de AM/OR”, compõe-se de poemas também inéditos que ele e Alice fizeram um para o outro e guardaram em uma pasta de mesmo nome.

O processo de composição de *O ex-estranho* é descrito em detalhe na apresentação de Alice à primeira edição, que foi incluída no apêndice deste volume. O texto que aparecia nas orelhas, escrito por Wilson Bueno, também consta do apêndice.



Este livro de poemas, que ia se chamar *O ex-estranho*, expressa, na maior parte de seus poemas, uma vivência de despaisamento, o desconforto do *not-belonging*, o mal-estar do fora de foco, os mais modernos dos sentimentos. Nisso, cifra-se, talvez, sua única modernidade.

p. leminski

## **invernáculo**

**(3)**

Esta língua não é minha,  
qualquer um percebe.  
Quando o sentido caminha,  
a palavra permanece.  
Quem sabe mal digo mentiras,  
vai ver que só minto verdades.  
Assim me falo, eu, mínima,  
quem sabe, eu sinto, mal sabe.  
Esta não é minha língua.  
A língua que eu falo trava  
uma canção longínqua,  
a voz, além, nem palavra.  
O dialeto que se usa  
à margem esquerda da frase,  
eis a fala que me lusa,  
eu, meio, eu dentro, eu, quase.  
Já disse de nós.  
Já disse de mim.  
Já disse do mundo.  
Já disse agora,  
eu que já disse nunca.  
Todo mundo sabe,  
eu já disse muito.  
Tenho a impressão  
que já disse tudo.  
E tudo foi tão de repente.  
desastre de uma ideia  
só o durante dura  
aquilo que o dia adiante adia  
estranhas formas assume a vida  
quando eu como tudo que me convida  
e coisa alguma me sacia  
formas estranhas assume a fome  
quando o dia é desordem  
e meu sonho dorme  
fome da china fome da índia  
fome que ainda não tomou cor  
essa fúria que quer  
seja lá o que flor

**rimo e rimos**

Passarinho parnasiano,  
nunca rimo tanto como faz.  
Rimo logo ando com quando,  
mirando menos com mais.  
Rimo, rimo, miras, rimos,  
como se todos rimássemos,  
como se todos nós ríssemos,  
se amar fosse fácil.  
Perguntarem por que rimo tanto,  
responder que rima é coisa rara.  
O raro, rarefeitamente, para,  
como para, sem raiva, qualquer canto.  
Rimar é parar, parar para ver e escutar  
remexer lá no fundo do búzio  
aquele murmúrio inconcluso,  
Pompeia, ideia, Vesúvio,  
o mar que só fala do mar.  
Vida, coisa pra ser dita,  
como é dita este fado que me mata.  
Mal o digo e já meu dito se conflita  
com toda a cisma que, maldita, me maltrata.

### **sei lá**

vai pela sombra, firme,  
o desejo desespero de voltar  
antes mesmo de ir-me  
antes de cometer o crime,  
me transformar em outro  
ou em outro transformar-me  
quem sabe obra de arte,  
talvez, sei lá, falso alarme,  
grito caindo no poço,  
neste pouco poço nada vejo nem ouço,  
mais mais mais  
cada vez menos  
poder isso, sinto, é tudo que posso,  
o tão pouco tudo que podemos  
leite, leitura,  
letras, literatura,  
tudo o que passa,  
tudo o que dura  
tudo o que duramente passa  
tudo o que passageiramente dura

tudo, tudo, tudo,  
não passa de caricatura  
de você, minha amargura  
de ver que viver não tem cura  
o barulho do serrote  
o barulho de quem lava roupa  
parecem o choro de quem chora  
uma vida pouca  
parece até que está na hora  
de levantar  
e ver que a vida  
nunca vai ser outra  
Redonda. Não, nunca vai ser redonda  
essa louca vida minha  
essa minha vida quadrada,  
quadra, quadrinha,  
não, nada,  
essa vida não vai ser minha.  
Vida quebrada ao meio,  
você nunca disse a que veio.

### **no instante do entanto**

diga minha poesia  
e esqueça-me se for capaz  
siga e depois me diga  
quem ganhou aquela briga  
entre o quanto e o tanto faz

### **olinda wischral**

pessoas deviam poder evaporar  
quando quisessem  
não deixar por aí  
lembranças pedaços carcaças  
gotas de sangue caveiras esqueletos  
e esses apertos no coração  
que não me deixam dormir

### **take p/ bere**

foi tudo muito súbito  
tudo muito susto  
tudo assim como a resposta  
fica quando chega a pergunta  
esse isso meio assunto  
que é quando a gente está longe  
e continua junto

## **feliz coincidência**

qualquer coincidência  
é mera semelhança  
enquanto o quixote pensa  
sancho coça a sancha pança  
todas as coisas sejam iguais  
que o vermelho seja verde  
o azul seja amarelo  
e sempre seja nunca mais  
este planeta, às vezes, cansa,  
almas pretas com suas caras brancas  
suas noites de briga braba,  
sujas tardes de água mansa,  
minutos de luz e pavor  
casa cheia de doce,  
ondas tinindo de dor,  
acabou-se o que era amargo,  
pisar este planeta  
como quem esmaga uma flor  
misto de tédio e mistério  
meio dia/meio termo  
incerto ver nesse inverno  
medo que a noite tem  
que o dia acorde mais cedo  
e seja eterno o amanhecer  
azuis como os sorrisos das crianças  
e pesados como os provérbios das velhas  
anos cultivei a ideia do poema,  
coisa inteira, ovo, ânsia e antena,  
meus poemas são ideias  
ontem, coisa inteira, hoje, apenas manchas

## **meu eu brasileiro**

quisera poder pensar  
como se faz no velho mundo  
eles me querem espelho  
como se não tivesse mistério  
essa minha falta de assunto

## **para umas noites que andam fazendo**

deixe eu abrir a porta  
quero ver se a noite vai bem  
quem sabe a lua lua  
ou nos sonhos crianças



sombras murmuram amém  
deixa ver quem some antes  
a nuvem a estrela ou ninguém  
nunca sei ao certo  
se sou um menino de dúvidas  
ou um homem de fé  
certezas o vento leva  
só dúvidas continuam de pé

### **tamanho momento**

nossa senhora da luz  
ouro do rio belém  
que seja eterno este dia  
enquanto a sombra não vem  
a todos os que me amam  
ou me amaram um dia  
deixo apenas um padre-nosso  
meio malpassado  
e essa espécie de ave maresia

### **hieróglifo**

Todas as coisas estão aí  
para nos iluminar.  
Discípulo pronto,  
o mestre aparece,  
imediatamente,  
sob a forma de bicho,  
sob a sombra de hino,  
sob o vulgo de gente  
como num livro, devagar.  
Mestre presente,  
a gente costuma hesitar,  
nem se sabe se o bicho sente  
o que sente a gente  
quando para de pensar.

### **hexagrama 65**

Nenhuma dor pelo dano.  
Todo dano é bendito.  
Do ano mais maligno,  
nasce o dia mais bonito.  
1 dia,  
1 mês, 1  
ano.

/

## **dioniso ares afrodite**

aos deuses mais cruéis  
juventude eterna  
eles nos dão de beber  
na mesma taça  
o vinho, o sangue e o esperma

## **de tertulia poetarum**

de tortura militum  
libera nos domine  
de nocte infinita  
libera nos domine  
de morte nocturna  
libera nos domine

## **amar: armas debaixo do altar**

*para frei betto e frei leonardo boff*

santa é a gente  
quando lá fora faz frio  
e aqui dentro está quente  
— entre! Digo eu,  
hora de ser igual,  
hora de ser diferente,  
entre você e entre

## **sacro lavoro**

as mãos que escrevem isto  
um dia iam ser de sacerdote  
transformando o pão e o vinho forte  
na carne e sangue de cristo  
hoje transformam palavras  
num misto entre o óbvio e o nunca visto  
O que o amanhã não sabe,  
o ontem não soube.  
Nada que não seja o hoje  
jamais houve.

## **datilografando este texto**

ler se lê nos dedos  
não nos olhos  
que olhos são mais dados  
a segredos

## **mil e uma noites até babel**

Torre  
cujo tombo  
virou lenda,

até hoje,  
a sombra,  
como um membro,  
lembra.

### **johnny b. good**

tem vezes que tenho vontade  
de que nada mude  
vou ver  
mudar é tudo que pude  
morar bem  
morar longe  
morar lá onde  
mora meu  
mais distante quando

### **twisted tongue**

**(2)**

my ears  
can't believe my eyes  
the water falls  
bet the fire  
flies

por mais que eu ande  
nada em mim imagina  
o que é que menina  
tão pequena está fazendo  
numa cidade tão grande  
acordei e me olhei no espelho  
ainda a tempo de ver  
meu sonho virar pesadelo  
arte que te abriga arte que te habita  
arte que te falta arte que te imita  
arte que te modela arte que te medita  
arte que te mora arte que te mura  
arte que te todo arte que te parte  
arte que te torto ARTE QUE TE TURA  
carne alma  
forma conteúdo  
sobre nós  
a sombra de tudo

### **S. O. S.**

não houve sim que eu dissesse  
que não fosse o começo

de um esse o esse

re

mortas

eras remotas

mil

&

uma

portas

só

lamente

uma

vez

outubro

no teto passos pássaros

gotas de chuva

viver é superdifícil

o mais fundo

está sempre na superfície

Trevas.

Que mais pode ler

um poeta que se preza?

lá vão elas

um dia, as pirâmides do egito

ainda vão chegar até as estrelas

no centro

o encontro

entre meu silêncio

e o estrondo

depois de muito meditar

resolvi editar

tudo o que o coração

me ditar



## **investígio**

olfato ou fato  
um cheiro falso  
a brisa traz  
um brilho antigo  
brinca comigo  
de anos atrás

1988

*(na passagem da constelação alice)*

a uma carta pluma  
só se responde  
com alguma resposta nenhuma  
algo assim como se a onda  
não acabasse em espuma  
assim algo como se amar  
fosse mais do que bruma  
uma coisa assim complexa  
como se um dia de chuva  
fosse uma sombrinha aberta  
como se, ai, como se,  
de quantos como se  
se faz essa história  
que se chama eu e você

1988

## **campo de sucatas**

saudade do futuro que não houve  
aquele que ia ser nobre e pobre  
como é que tudo aquilo pôde  
virar esse presente poder  
e esse desespero em lata?  
pôde sim pôde como pode  
tudo aquilo que a gente sempre deixou poder  
tanta surpresa pressentida  
morrer presa na garganta ferida  
raciocínio que acabou em reza  
festa que hoje a gente enterra  
pode sim pode sempre como toda coisa nossa  
que a gente apenas deixa poder que possa

1987

## **1987, tende piedade de nós**

anos ímpares  
são anos vítimas  
anos sedentos

de sangue e vingança  
todo gozo será punido  
e o deserto será nossa herança  
anos ímpares  
são sarampo ínguas cataporas  
bocas que praticam  
tacos e cacos de línguas  
lixos onde mora a memória  
muda a regra, muda o mapa,  
muda toda a trajetória  
num ano ímpar,  
só não muda a nossa história

*1987*

jardim da minha amiga  
todo mundo feliz  
até a formiga

*1978*

ah se pelo menos  
eu te amasse menos  
tudo era mais fácil  
os dias mais amenos  
folhas de dentro da alface  
mas não  
tinha que ser entre nós  
esse fogo  
esse ferro  
essa pedreira  
extremos  
chamando extremos na distância

*1976*

Amar você é coisa de minutos  
A morte é menos que teu beijo  
Tão bom ser teu que sou  
Eu a teus pés derramado  
Pouco resta do que fui  
De ti depende ser bom ou ruim  
Serei o que achares conveniente  
Serei para ti mais que um cão  
Uma sombra que te aquece  
Um deus que não esquece  
Um servo que não diz não  
Morto teu pai serei teu irmão

Direi os versos que quiseres  
Esquecerei todas as mulheres  
Serei tanto e tudo e todos  
Vais ter nojo de eu ser isso  
E estarei a teu serviço  
Enquanto durar meu corpo  
Enquanto me correr nas veias  
O rio vermelho que se inflama  
Ao ver teu rosto feito tocha  
Serei teu rei teu pão tua coisa tua rocha  
Sim, eu estarei aqui

1968

1.  
Animais zelam pela abóbada,  
constelações são signos.  
Não há sombra de estrelas,  
os cometas — solenes,  
a lua — enigma.  
Corpos celestes — em contato,  
dura luz de sua alta hierarquia.

2.  
— As estrelas estão indóceis,  
hoje, Senhor,  
o céu se fecha. Vozes dos patronos  
estão baixas.  
Ninguém forçará o Zodíaco.  
Marte cobriu-se de escudos.  
A lua está muito suja,  
deves crer em tudo,  
estrelas murmuram.  
Rebelde está Mercúrio,  
nada sei de Saturno.  
Minha arte, por hoje, cala-se  
Cale-se tu, Senhor, a vida rola  
em volta do vosso punho.  
Eu testemunho.

1974



**winterverno**

**[2001]**

**nota do editor**

*Winterverno* foi publicado em 2001 pela editora Iluminuras, na forma de um “álbum” em que dialogavam poemas de Paulo Leminski e desenhos de João Suplicy. Optamos por manter somente os poemas, sem imagens, e apenas os que ainda não haviam aparecido em livros anteriores do autor.

W (VENTO) (WE)

INTER (INVENTO)

(INTERVIEW)

**vim te ver**

**(interno)**

(TER) NO (NOITE)

(TERNO) INVERNO (NERVO)

(NEVER) (INVERTER) (NEVER MORE)

liberdade  
vento  
onde tudo  
cabe  
milagre  
a lágrima  
para  
pronto  
aqui está  
o meu ponto  
entre pedra e pedra  
não vai ficar  
pedra sobre pedra  
lá embaixo  
vai ter  
o que eu acho  
lá vamos nós  
lendo sempre  
a mesma voz

### **a hora do tigre**

um tigre  
quando se entigra  
não é flor  
que se cheire  
não é tigre  
que se queira  
ser tigre

dura a vida  
    inteira  
mês s/ fim  
vem de fora  
ou de dentro  
esse cheiro  
de jasmim?

Tudo me foi dado.  
Nada me foi tirado.

O que um dia foi meu  
nunca vai ser passado  
passos na areia úmida  
das aldeias — a última  
até as putas são tímidas

**É É É**

Dura o diamante  
dentro da pedra pura.  
De agora em diante,  
só o durante dura.  
ave vento  
cheio de graça  
ave  
tudo o que passa  
bar das putas  
os dias são poucos  
as noites são muitas  
vou?  
onde?  
perguntem  
ao bonde  
aqui  
faço  
o que todo mundo  
faz  
o que faço  
tanto faz  
luz na noite  
o escuro  
foi-se  
em cima  
da hora  
tudo  
piora  
Nada fica  
a não ser o que for bonito  
A ideia fixa  
é meu esporte favorito  
meu desejo  
quanto mais olho  
menos vejo  
na mesa, súbita,  
o cacho de uva  
escuta os passos da chuva  
sabe da última?  
a chuva lavou  
a minha culpa  
fumaça qualquer

a matéria faz  
o que a matéria  
quer  
o milho está certo  
próxima vez  
a chuva  
    cai  
        mais perto  
desperto  
daqui ali  
parece tão perto  
meu problema  
só dói  
quando queima  
falso vento  
não exista  
te invento  
lá dentro  
o que é que tem  
que aqui fora  
não tem ninguém?  
delícia pura  
a onda cai  
como uma fruta madura  
Antes que a tarde amanheça  
e a noite vire dia  
põe poesia no café  
e café na poesia  
o carnaval passa  
guardada na mala  
a tua meia máscara

**poemas  
esparcos**

## **nota do editor**

Ao recuperarmos, para esta edição, os volumes *Polonaises* e *Não fosse isso e era menos não fosse tanto e era quase*, notamos que nem todos os poemas constavam de *Caprichos & relaxos*. Os poemas faltantes, que nunca apareceram nas obras posteriores de Leminski, entram aqui. São textos praticamente inéditos, que até hoje ficaram reservados a essas edições independentes, de tiragens baixas e há muito fora de circulação. Os quatro primeiros são de *Polonaises*. Os seguintes, de *Não fosse isso e era menos não fosse tanto e era quase*.



vão é tudo  
que não for prazer  
repartido prazer  
entre parceiros  
vãs  
todas as coisas que vão

## **enchantagem**

de tanto não fazer nada  
acabo de ser culpado de tudo  
esperanças, cheguei  
tarde demais como uma lágrima  
de tanto fazer tudo  
parecer perfeito  
você pode ficar louco  
ou para todos os efeitos  
suspeito  
de ser verbo sem sujeito  
pense um pouco  
beba bastante  
depois me conte direito  
que aconteça o contrário  
custe o que custar  
deseja  
quem quer que seja  
tem calendário de tristezas  
celebrar  
tanto evitar o inevitável  
in vino veritas  
me parece  
verdade  
o pau na vida  
o vinagre  
vinho suave  
pense e te pareça  
senão eu te invento por toda eternidade  
tão  
alta  
a  
torre  
até  
seu  
tombo  
virou  
lenda  
deus  
algum  
indu  
ogum

vishnu

precisa  
da tua prece  
tua pressa  
pessoa  
só teu pulso  
          acelera  
você padece  
padecer  
te resta  
tudo  
um belo dia  
          desaparece

líng  
uá Kuá  
ze Shin  
e  
za  
essa Líng (uá) Ming  
          ua  
          Xing  
          a

maldito  
o que não deixa cantar  
o canto é fraco  
maldito  
o que não deixa cantar  
o canto é forte  
maldito  
o que não deixa cantar  
o canto gera outro cantar  
maldito  
o que não deixa cantar  
o canto nunca deixa de cantar  
eu vi o sol ao quadrado  
o sol de olho saltado  
multiplicado pelo sol  
acenda a lâmpada às seis horas da tarde  
acenda a luz dos lampiões  
inflame  
          a chama dos salões  
          fogos de línguas de dragões

vaga-lumes  
numa nuvem de poeira de neon  
tudo é claro  
tudo é claro  
a noite assim que é bom  
a luz acesa na janela lá de casa  
o fogo  
o fogo lá no beco  
e o farol  
esta noite vai ter sol

o  
soo  
u  
oou  
o  
sin  
o  
sou  
o  
sig  
n  
gno  
n  
nim  
o

## **undergroundblitzkrieg**

o close-up do souvenir

o ersatz do harakiri

o marketing de pindorama

### **à moda mao**

o pinheiro

cresceu

ao lado da árvore

de flor amarela

ele

eu

    você

    ela

quem passa

pensa

    flores

    dele

        não

        dela

aquário de água limpa

olavo limpa

    olavo lava

aquário de água clara

olavo aclara

    olavo eleva

na água do aquário

olavo é adão

    olavo é eva

na água do aquário

o peixe pisca

    olavo paga

na água do aquário

olavo risca

    o tempo apaga

sombras no pomar

    cores no cocar

susto no lugar

    do aquário para o mar

### **empate**

manes de vates

penas, penates

casas de orates

por que te debates?  
magnos carlos  
mármores marcos  
vênus em martes  
nem xeque nem mate  
no campo  
em casa  
no palácio  
está nas últimas  
a última flor do lácio  
cretino  
beócio  
palhaço  
dê o último adeus  
à última flor do lácio  
a fogo  
a laço  
ninguém segura  
a queda da última flor do lácio  
**tai-otoshi para a kodokan**  
passos lentos  
escrevem  
VONTADE DE CHEGAR  
precisa andar  
como quem já chegou  
chega de chegar  
depressa  
é muito devagar

siqo picadas con: **pegadas** cuidado picadas mal  
per **pegadas** siqo picadas sen **pegadas** pro  
seri picadas ser **pegadas** sentido picadas como  
**pegadas** picadas **pegadas**



A  
R  
G  
S  
O  
D  
A  
R  
C  
O  
L  
I  
G  
I  
S  
S  
A  
S  
W  
E  
R  
C  
O  
L  
L  
E  
C  
T  
I  
O  
N  
D  
O  
C  
U  
M  
E  
N  
T  
S

000000

## **nota sobre leminski cancionista**

*José Miguel Wisnik*

Respondendo à inevitável pergunta sobre o “fim da canção”, Luiz Tatit afirmou, com humor, que não só a canção não terminará nunca como, no Brasil, quase todo mundo já experimentou compor uma, nem que seja uma vez. Não seria Paulo Leminski, experimentador de todos os venenos-remédios da poesia, que iria deixar de provar do sabor e do saber da *gaia ciência*. Ainda mais que, descolado dos protocolos da literatura convencional, definiu-se muitas vezes através de um jogo de rótulos contrários, como “punk parnasiano”, “dadaísta clássico”, autor de *Caprichos & relaxos* (que supõem, quando juntos, a aliança da concentração com a descontração), sob o slogan paródico-utópico do *Distraídos venceremos*.

Não é fácil definir esse lugar, entre a erudição e o chamado *desbunde*, entre a disposição da informalidade existencial, no marco da contracultura dos anos de 1970, e as exigências da construção formal, que parecem polares e insolúveis. Leyla Perrone-Moisés definiu, no entanto, de modo preciso, a sua dicção poética como sendo capaz de cortar esse nó com a lâmina afiada de *samurai-malandro*, o sacador-fazedor que estiliza a instantaneidade tendo como background um largo repertório acumulado [ver p. 397]. O curitibano Leminski escancara a condição provinciana, que toma estrategicamente como congênita, sem perder de vista a poesia universal da qual é íntimo, e, ao fazê-lo, comenta a crise da poesia ao mesmo tempo que cria para si um centro decidido e esquivo, todo feito de meias-palavras inteiras.

De fato, a ambição artística do “paroquiano cósmico” assume astuciosa e sabiamente, como sua, a oscilação irônica entre a grandeza e a desimportância, entre o menor e o enorme, a pretensão e o desconfiômetro, e adere a ela no interior da própria obra. Esse traço de estilo está estampado, por exemplo, na capa da volumosa obra inaugural em prosa, onde o fluxo do “exame de consciência”, de que é tomado Descartes no trópico, ostenta o nome de *Catatau*, aplicável tanto a um livro grande como a uma espada pequena, a um calhamaço como a um homem baixinho.

Não por acaso Paulo Leminski colocou-se, em boa parte por provocação, no alvo das pendengas sobre o discutido valor literário da poesia contemporânea brasileira, de difícil canonização, como se ele fosse, dela, ao mesmo tempo o arqueiro zen e o calcanhar de Aquiles. Mas aquele que declarou, por ocasião da morte de Drummond, “o trono está vago” foi talvez quem melhor percebeu que, a partir de então, a poesia se fazia em torno do vazio do trono, de qualquer trono, e que toda a questão se concentrava em saber errar o alvo — como o arqueiro zen — com a máxima precisão. A consciência desse fato, motor interno da sua atividade literária, já o coloca, por si só, para além da gangorra entre seus afetos e desafetos.

Numa avaliação rasante, de valor sintomático de época, Bruno Tolentino denunciava pela imprensa, a certa altura, a dominância, na literatura brasileira, de um embuste publicitário, caudatário da atitude deslumbrada e superficial dos tocadores de “berimbau de barbante”, que seguiam a rota supostamente furada do modernismo paulista, da poesia concreta, da poesia marginal e da música popular. Embora

genérico, o arco do diagnóstico conservador servia, melhor do que a ninguém, a Paulo Leminski, que tem o mérito de abarcá-lo como um todo. A sua dicção singular, o seu perspectivismo múltiplo, miram os pontos de fuga do modernismo oswaldiano, da consciência experimental da linguagem bebida na poesia concreta, do coloquialismo avisado da poesia marginal e do poder poético da canção. Mas, para entendê-lo, seria preciso antes de mais nada inverter o sinal depreciativo atribuído a “berimbau de barbante”, porque, na poética leminskiana, como vimos, o grande e o pequeno, o insight e o derrisório, confinam-se intimamente como aspectos da mesma matéria, seu arco e sua lira. Nela, o “berimbau de barbante” toca música.

Esse é o momento oportuno para introduzir a questão da música popular. Não há dúvida de que Paulo Leminski viveu intensamente a tentação da canção. O autor do *Catatau*, esse desconcertante moto perpétuo de jingles joyceanos, de hits em alta velocidade, de uma temperatura informacional inapreensível pelo grande público, sonhava também com a cadência espraiada do refrão em massa, do reconhecimento horizontal do sucesso, não fosse ele um catalisador de polaridades. Suas canções em parceria, mas principalmente aquelas de que fez letra e música, apontam na direção desse projeto, que, se não se realizou plenamente com ele, encontra oportunamente na obra de Arnaldo Antunes a sua perfeita tradução, isto é, a correspondente aliança da poesia do livro — marginal e de vanguarda, informal e formalista — com a linguagem da canção pop.

Há quem faça canções com acurado conhecimento de causa musical, nas quais o trato de melodias requintadas e de harmonias complexas, de acordes alterados e de modulações imprevistas, concilia-se com o gosto popular, como soube fazer Tom Jobim, “maestro soberano”, seguido nisso pelo próprio Chico Buarque. Há outros que trabalham só com um violão do qual não dominam mais do que dois ou três acordes, limitando-se aos movimentos de tônica e dominante, variações singelas entre os modos maior e menor, e levadas rítmicas já provadas e comprovadas. No entanto, como a canção popular é o campo fértil para as relações improváveis entre o mais sofisticado e o mais elementar, revertendo muitas vezes um ao outro, alimentando-se dos poderes e da eficácia deste último e revelando-lhe as riquezas, soluções muito simples dispõem às vezes de um frescor e de uma força criativa genuína.

É o lugar por excelência de “Verdura”, canção gravada por Caetano Veloso no disco *Outras palavras*, e que fez certa fama:

de repente  
me lembro do verde  
da cor verde  
a mais verde que existe  
a cor mais alegre  
a cor mais triste  
o verde que vestes  
o verde que vestiste  
o dia em que eu te vi

o dia em que me viste  
de repente  
vendi meus filhos  
a uma família americana  
eles têm carro  
eles têm grana  
eles têm casa  
a grama é bacana  
só assim eles podem voltar  
e pegar um sol em copacabana

A música é feita aqui, pode-se dizer, de dois jatos entoativos, que acompanham intuitivamente o gesto poético da surpresa dada pelos dois *repentes*. No primeiro movimento o *repente* é o efeito brusco de uma aparição, marcada pelo excesso colorístico que salta à vista como revelação do outro, proliferando no fluxo fácil de rimas e aliterações, concluído por uma resolução suspensa (“o dia em que eu te vi/ o dia em que me viste”). No segundo movimento o *repente* é a realidade que se abate como rendição obrigada ao valor mais alto da economia do império norte-americano, onde a “grama bacana” é o único vestígio do festival de verdes da primeira parte, e do qual a saída é a volta por cima que devolve a prole a Copacabana. Não há nexos causal e linear entre as duas partes. Que ele fique frouxo, aberto, é uma das forças originais dessa mininarrativa. Temos, na verdade, duas situações mais virtuais do que realistas, glosando o privilégio da riqueza das sensações, de um lado, e as agruras da pobreza e da dependência, de outro.

“Luzes”, também música e letra de Paulo Leminski, foi gravada por Suzana Salles e depois por Arnaldo Antunes, este em vigorosa versão country. A música combina um gesto melódico ascendente e luminoso (“acenda a lâmpada”), o intervalo de quinta maior, reiterado durante toda a canção, com a luz rebaixada do modo menor, como se nesse contraste ressoasse o jogo entre as luzes decididamente acesas, por um ato iluminador da vontade, e a noite afinal incendiada (“essa noite vai ter sol”):

acenda a lâmpada às seis horas da tarde  
acenda a luz dos lampiões  
inflame  
    a chama dos salões  
    fogos de línguas de dragões  
    vaga-lumes  
numa nuvem de poeira de neon  
tudo é claro  
    tudo é claro  
    à noite assim que é bom  
a luz acesa na janela lá de casa  
o fogo  
    o foco lá no beco

e o farol  
esta noite vai ter sol

(Um pequeno depoimento: essa canção inédita foi descoberta quando Zé Celso Martinez Correa, apresentando *As boas*, de Jean Genet, em Curitiba, quis algo de Leminski para abrir o espetáculo, e Alice Ruiz a lembrou ao telefone, *a capella*. Eu fazia a música do espetáculo, deduzi a harmonia, e assim a canção chegou, de recado em recado, a Suzana e a Arnaldo.)

Em suma, Paulo Leminski mostra, nas canções que fez, embora não sejam muitas, aquela intuição do núcleo entoativo da palavra cantada que faz, segundo Luiz Tatit, a eficácia da canção. Como na simplesmente deliciosa “Filho de Santa Maria”:

Hoje eu saí lá fora  
Como se tudo já tivesse havido  
Já tivesse havido a guerra  
A festa  
Já tivesse havido  
E eu, e eu, e eu  
Fosse puro espírito  
Aqui tô eu pra te proteger  
Dos perigos da noite, do dia  
Sou fogo, sou terra, sou água, sou gente  
Eu também sou filho de Santa Maria  
Se dona Maria soubesse  
Que o filho pecava e pecava tão lindo  
Pegava o pecado e jogava de lado  
E fazia da Terra uma estrela  
Sorrindo

Para finalizar: tenho a honra de ter musicado o antecipador poema-fragmento de Adam Mickiewicz, o vate polonês contemporâneo de Chopin, traduzido por Leminski e publicado em *Polonaises*, que ele me deu assinalado no livro com um círculo, num gesto de cumplicidade entre polacos brasileiros [ver p. 65].

E a letra que ele me enviou sem chegar a ouvir a música, também por telefone:

Subir  
No raio de uma estrela  
Subir até  
Sumir  
Subir até sumir  
No brilho puro  
Subir mais  
Subir além  
Além de toda a treva  
De toda a dor  
Além de toda a treva

De toda a dor  
Deste mundo

# apêndice

## **paulo leminski\***

*Haroldo de Campos*

Foi em 1963, na Semana Nacional de Poesia de Vanguarda, em Belo Horizonte, que o Paulo Leminski nos apareceu, dezoito ou dezenove anos, Rimbaud curitibano com físico de judoca, escandindo versos homéricos, como se fosse um discípulo zen de Bashô, o Senhor Bananeira, recém-egresso do Templo Neopitagórico do simbolista filelênico Dario Veloso.

*Noigandres*, com faro poundiano, o acolheu na plataforma de lançamento de *Invenção*, lampiro-mais-que-vampiro de Curitiba, faiscante de poesia e de vida. Aí começou tudo. Caipira cabotino (como diz afetuosamente o Julinho Bressane) ou polilingue paroquiano cósmico, como eu preferiria sintetizar numa fórmula ideogrâmica de contrastes, esse caboclo polaco-paranaense soube, muito precocemente, deglutir o pau-brasil oswaldiano e educar-se na pedra filosofal da poesia concreta (até hoje no caminho da poesia brasileira), pedra de fundação e de toque, magneto de poetas-poetas.

Das primeiras invencionices ao *Catatau*, da poesia destabocada e lírica (mas sempre construída, sabida, de *fabbro*, de fazedor) ao verso verde-verdura da canção trovadoresco-popular, o Leminski vem chovendo no endomingado piquenique sobre a erva em que se converteu a neoacadêmica poesia brasileira de hoje, dividida entre institucionalizadas marginalidades plácidas e escoteiros orfeônicos, de medalhinha e braçadeira. E é bom que chova mesmo, com pedra e pau a pique. Evoé Leminski!

São Paulo, junho de 1983

\* Texto publicado na primeira edição de *Caprichos & relaxos* (São Paulo: Brasiliense, 1983).



## **caprichos & relaxos\***

*Caetano Veloso*

Este livro de poemas é uma maravilha, porque os poemas do Leminski são muito sintéticos, muito concisos, muito rápidos, muito inspirados. Ele é um sujeito gozado. É um personagem muito único, no panorama da curtição de literatura no Brasil. Eu acho um barato. Leminski tem um clima/mistura de concretismo com *beatnik*. Que é muito legal. “Verdura” é um sonho. É genial. É um haikai da formação cultural brasileira. Deve ser instigante para os poetas do Brasil o aparecimento desses novos poetas todos. Leminski é um dos mais incríveis que apareceram.

\* Texto publicado na quarta capa da primeira edição de *Caprichos & relaxos* (São Paulo: Brasiliense, 1983).

## **Leminski, o samurai malandro\***

*Leyla Perrone-Moisés*

Olhe nos olhos dos poemas de Paulo Leminski (*Caprichos & relaxos*, São Paulo: Brasiliense, 1983) e você verá que ele está por dentro, no centro. Tudo o que não interessa cai fora, sem demora. O olho do furacão é imóvel porque ele administra as fúrias gratuitas do movimento.

Do rio de palavras, Leminski se ri, e à verborragia desatada ele pede, exigente, um momento de silêncio. Para bom entende-dor, meia palavra raspa; e para bom gozador, uma piscada basta. Leminski já foi e já voltou, e quem não percebe a inteireza de suas meias palavras ainda nem saiu de casa.

A forma breve não é um valor em si; o breve pode ser apenas pouco. Ter ouvido a lição da poesia concreta também não é garantia de concretizar poesia. Quando o jogo de palavras é só graçola, não cola. Mas Leminski não “bate palmas para as performances do acaso”, nem tem “o vício de achar tudo ótimo”. Simplesmente não deixa por mais quando pode acertar no menos, e nunca se contenta com o mais ou menos. Contrariamente à maior parte da literatura brasileira atual, prosa ou poesia, que vive no complacente regime do mais ou menos, achando que qualquer obra escancarada é aberta, e que basta chutar para acertar.

Samurai e malandro, Leminski ganha a aposta do poema, ora por um golpe de lâmina, ora por um jogo de cintura. Tão rápido que nos pega de surpresa; quando menos se espera, o poema já está ali. E então o golpe ou a ginga que o produziu parece tão simples que é quase um desaforo:

acordei bemol  
tudo estava sustentado  
sol fazia  
só não fazia sentido

Diante de acertos como esse, por favor, sejamos sóbrios. Nada de demonstrar-desmontar com apoio em bibliografia especializada, pois qualquer metagesticulação crítica ficaria ridícula, contraposta ao gesto exato do poeta.

Leminski é samurai em seus caprichos e malandro em seus relaxos. Mas entre caprichado e caprichoso, entre relaxamento e relaxo, “entre a pressa e a preguiça”, há comunicações e passagens.

Samurai:

nuvens brancas  
passam  
em brancas nuvens

Malandro:

não discuto  
com o destino  
o que pintar  
eu assino

Samurai-malandro:

a palmeira estremece  
palmas para ela  
que ela merece

Formalista, como todo artista, Leminski não é porém um poeta de gabinete. Suas vivências de *beatnik* caboclo e sua filosofia de malandro zen são depuradas no cadinho da linguagem até chegar à cifra certa. Amor, amizade, inquietação, raiva, estão na raiz de sua poesia, mas esses sentimentos libertam-se do anedotário pessoal para encontrar a forma justa, que encanta e ensina:

um pouco de mao  
em todo poema que ensina  
quanto menor  
mais do tamanho da china

Informada e enformada pelo zen, esta poesia é busca do caminho e entrega de uma despreziosa sabedoria:

soubesse que era assim  
não tinha nascido  
e nunca teria sabido  
ninguém nasce sabendo  
até que eu sou meio esquecido  
mas disso eu sempre me lembro

Malandro da linguagem, Leminski não é apenas um intuitivo, um criativo, um sacador, como os 130 milhões que se dispensam de conhecer seus ofícios. Como observa Haroldo de Campos, sua poesia é “sempre construída, sabida, de *fabbro*, de fazedor”. Esse autointitulado “cachorro louco” queimou pestana na poesia universal. Sabe onde está pisando e com quem, queira ou não queira, o poeta de hoje tem de se confrontar. Diante dos faixas pretas da linguagem, Leminski não descuida do preparo físico.

E passa, honestamente, por todos os estágios do confronto. Confessa que sonhou ser Homero, que se imaginou Rimbaud ou Pessoa, que desejou ser um grande poeta inglês do século passado, e que acabou “um pequeno poeta de província”. E é exatamente aí que ele ganha a parada. A viagem pelos grandes textos, num primeiro tempo, reduz o poeta provinciano a sua “insignificância”; mas, abrindo o seu desconfiômetro, permite-lhe safar-se da repetição involuntária ou degradada. Ele sabe que espaços de linguagem já estão ocupados, e onde se abre lugar para sua fala. Ao assumir seu provincianismo, o poeta deixa de ser provinciano, porque provinciano é justamente aquele que nem desconfia. Tendo dado essa volta para “além das serras que azulam no horizonte”, o poeta não corre mais o risco de versejar caipiricamente “a aurora de sua vida”.

Internacional e provinciano, Leminski é brasileiríssimo. Mestiço, antropófago, poetiza, sem folclore, Oxalá e o frevo, pajés e xavantes. Parisa, novaiorquiza, moscoviteia, sem tirar o pé do chão. Torce pelo time de várzea, mas não cai no conto do nacional e popular:

eu queria tanto  
ser um poeta maldito  
a massa sofrendo  
enquanto eu profundo medito  
eu queria tanto  
ser um poeta social  
rosto queimado  
pelo hálito das multidões  
em vez  
olha eu aqui  
pondo sal  
nesta sopa rala  
que mal vai dar para dois

Geografia e história habitam o corpo de sua poesia, sem enrijecê-lo em militância. Irônico, ele diz que “CHUTES DE POETA/ NÃO LEVAM PERIGO À META”. E aí também o menos é mais e o quase é tanto. Porque conhecer o alcance de uma práxis é condição mínima para sua eficiência, e saber os limites de um campo permite ilimitar a ação nesse campo. Chute de poeta leva, sim, perigo à meta: quando é lateral e com efeito. Na verdade, Leminski acredita muito em sua arma, a poesia, e a afia:

en la lucha de clases  
todas las armas son buenas  
piedras  
noches  
poemas

Sem demagogia, com amor e humor, talento e lucidez, Leminski vai abrindo caminhos na selva selvagem da linguagem, no repertório caótico de nossas cabeças cortadas. Destila tudo com sabedoria, e suas gotas de poesia são colírio para nossos olhos poluídos.

À guisa de conclusão:

LEMINSKI, TAL QUE EM SI MESMO

Sobre seu próprio desaparecimento, Mark Twain escreveu, de antemão, a seguinte manchete de jornal: “As notícias de minha morte são muito exageradas”. É o que sinto com relação ao desaparecimento de Leminski. A morte de tanta vitalidade deve ser mentira.

Leminski pingou um poema em nosso olho e passou. Passou rápido, porque ele morava no olho do furacão. A vida era intensa, mas a poesia era paciente trabalho de linguagem. Leminski não caía no logro da expressividade ou da inspiração. Ostentando as insígnias da contracultura, ele era um poeta culto, que conhecia seu ofício e o levava a sério, num gabinete cheio de vida e de desordem.

A forma breve, por ele cultivada, oferece grandes riscos. O breve pode ser apenas pouco, o menos obtido por subtração. O grande poema breve é concentração sem perda, o máximo no mínimo. Leminski conhecia essa arte e colhia o poema com o

golpe certo da espada zen.

Como outros poetas de nosso século, ele encontrou no haikai o humor e a imagem, a economia verbal e a objetividade, qualidades que, segundo Octavio Paz, são também os elementos centrais da poesia moderna.

Leminski era transcultural: polonês, caboclo e “japonês”, malandro e samurai, provinciano e internacional. Jogava na várzea e falava latim. Eclético e autodidata, era o mais brasileiro dos poetas, talvez o discípulo mais fiel deixado por Oswald de Andrade: “a palmeira estremece/ palmas para ela/ que ela merece”.

Leminski era intratável. Amor e raiva em fúrias equivalentes, uma força que podia dar em abraço ou em murro. O que garante a sua poesia aquele calor dentro do rigor, palavras habitadas por um corpo. Desconfiava da crítica e da universidade; quando me chamava de professora, não era um elogio.

Não fazia média com ninguém, nem com ele mesmo. “Na vida ninguém paga meia”; na poesia também não. Leminski pagou e recebeu inteira. A multiplicidade de tarefas, de línguas, de gêneros, de veículos em que ele circulava deixa, paradoxalmente, a lembrança de uma inteireza: a integridade de uma vocação de poeta que ele, obstinadamente, cumpriu.

\* Texto publicado em *Inútil poesia e outros ensaios breves* (São Paulo: Companhia das Letras, 2000), pp. 234-40.

## **transmatéria contrassenso\***

*Paulo Leminski*

Nas unidades de *Distraídos venceremos* (1983-1987), resultado do impacto da poesia de *Caprichos & relaxos* (1983) sobre a fina e grossa cútis da minha sensibilidade lírica, *calmes blocs ici-bas chus d'un désastre obscur*, cadeias de Markoff em direção a uma frase absoluta, arrisco crer ter atingido um horizonte longamente almejado: a abolição (não da realidade, evidentemente) da referência, através da rarefação.

Seria demais, certamente, supor que eu não precise mais da realidade.

Seria de menos, todavia, suspeitar sequer que a realidade, essa velha senhora, possa ser a verdadeira mãe destes dizeres tão calares.

É quando a vida vasa.

É quando como quase.

Ou não, quem sabe.

Curitiba, janeiro de 1987

## **la vie en close\*\***

*Alice Ruiz S*

O livro que se abre, o poema que se lê, pela primeira vez, tem o sabor às vezes de livro que se fecha, de vida que se encerra. Pode ser esse o caso de *La vie en close*. Mas só para aqueles que veem na morte o ponto final.

O poeta que aqui se lê, a exemplo dos faraós, construiu uma obra capaz de continuar falando, por si só, como as pirâmides, e transcender mesmo no deserto a aridez da mesmice da nossa finitude. E essa vida que se mostra, se despe e se despede nos deixa com gosto de mais vida e muito, muito mais poesia, de um jeito tal que, tenho certeza, ainda vai haver poesia um dia.

Em setembro de 1988 espalhamos a maior parte destes poemas no chão da sala de um apartamento em São Paulo e, pela última vez, selecionamos juntos os poemas de um livro. Poucos estão aqui que tenham sido feitos depois. E mesmo esses ele me disse, ou ao vivo ou pelo telefone, na medida em que iam sendo feitos.

O rigor naquela tarde foi o mesmo que nos prometemos, com o qual nos comprometemos, durante toda a vida juntos, na seleção dos seus livros e dos meus também. Mas, mesmo assim, lembrei de uma outra tarde em 1986 ou 1987 quando selecionamos os poemas de *Distraídos venceremos*.

Como não lembrar? Metade destes poemas já estava lá. Só não foram publicados antes por não serem portadores daquela dicção “parnasiano chic”, como ele dizia, e que era fundamental para a unidade do livro. Mas o acaso acaba trabalhando melhor do que nós mesmos e desenhou uma outra unidade, ainda mais densa, juntando os poemas que se preparavam para fazer companhia aos poemas que nasceram mais tarde, de 1987 até sua morte. E, entre eles, um que é particularmente especial para mim, esse “esplêndido corcel” que me deslumbrou em 1968 e aqui está, enfim, depois de tanta insistência minha. Um poema tão antigo, ao lado de outros de 1977, 1978, 1979, ao lado de outros tão recentes, que se concentram tanto e se aprofundam tanto porque se sabem últimos.

Esses poemas, mais que quaisquer outros, estão cheios de noites e madrugadas adentro. Cheios de uma dor tão elegante que é capaz de nos fazer rir, apesar de tudo. Cheios de dias na vida de uma luz. São poemas de vitalidade, apesar do adeus. Saltam da página para o entendimento, como ele fazia, quando analisava que “agir é a sabedoria suprema”, andando como quem pensa, pensando como quem anda, sempre pensando e andando. E, principalmente, sempre doando esse agir e pensar.

Esse desejo de continuidade na semelhança está explícito em muitos poemas, aqui tratados como a filhos que levam juntos nossos traços. Esse desejo está ainda explícito no seu poema-oração, que mesmo não encerrando o livro é o último dessa vida que, agora, se amplia e se inicia.

são não  
não são  
são não  
rogai por nós  
para que não  
sejamos senão

\* Texto introdutório à primeira edição de *Distraídos venceremos* (São Paulo: Brasiliense, 1987).

\*\* Texto publicado nas orelhas da primeira edição de *La vie en close* (São Paulo: Brasiliense, 1991).

## **uma poesia ex-estranha\***

Alice Ruiz S

O *ex-estranho* é uma seleção entre os últimos inéditos de Paulo.

Veio junto com *La vie en close*, mas num envelope à parte.

Dentro dele, cópias ou versões de poemas já publicados, outros visivelmente inacabados e outros prontos.

Entendi esse envelope à parte como um outro volume que estava sendo preparado, deixado para pensar mais tarde. E assim o fiz.

Com a proposta da Fundação Cultural, para publicar poemas inéditos, este envelope último voltou à tona, decidindo que o seu tempo de acontecer tinha chegado.

A expressão “ex-estranho” aparece dentro do poema “Ópera fantasma” no *La vie en close*.

Nada tenho.

Nada me pode ser tirado.

Eu sou o ex-estranho,  
o que veio sem ser chamado  
e, gato, se foi  
sem fazer nenhum ruído.

“Ex-estranho” é o título de outro poema, também publicado em *La vie en close*.

O ex-estranho  
passageiro solitário  
o coração como alvo,  
sempre o mesmo, ora vário,  
aponta a seta, sagitário,  
para o centro da galáxia

Ambos estavam no envelope, logo depois do pequeno pré-prefácio, feito pelo Paulo, como uma pista de um título possível para este estranho livro ex.

Entre as cento e poucas páginas fomos, eu e Áurea, fazendo nossa seleção separadamente e depois as comparamos discutindo os porquês das poucas escolhas ou exclusões que não coincidiam.

Nesses momentos, contamos também com a opinião da nossa poeta Estrela. Lá estávamos, as três, como tantas vezes, reunidas em torno da palavra. E agora, como antigamente, tinha também a palavra do Paulo. E sua ausência.

E a necessidade de rigor mandando a saudade ficar quieta para o coração poder pensar. Para nos apoiar como guia, o poema “depois de muito meditar” nos dizia: relaxe, é só seguir o coração, ele faz a escolha.

Chegamos a quarenta e poucos poemas. Podia ter mais. E tinha.

Todos os poemas que fizemos, um para o outro, guardávamos em uma pasta com o título de AM/OR. Vários já foram publicados, outros provavelmente não serão, por serem excessivamente pessoais, mas, entre eles, encontramos alguns que, por sua qualidade, tinham que estar presentes neste último livro de poemas.

São o anexo final com o título “Parte de AM/OR”. Vão de 1968 a 1988.



Os poemas inéditos publicáveis acabam aqui.

Ainda falta trabalhar na prosa deixada, contos, ensaios, uma novela.

Tudo a seu tempo. O tempo agora é de poesia.

Uma poesia que registra sua paixão pela palavra, como em “Invernáculo”, seu compromisso com a religiosidade como em, entre outros, “Amar: armas debaixo do altar”, poesia como um ato de fé em “Sacro lavoro” e outras tantas despedidas de coisas e pessoas que ele amou.

Não há o que dizer sobre esta poesia que ela mesma já não diga, nem estou aqui para falar dela. Minha função é reuni-la com o respeito pela qualidade que o Paulo sempre exigiu e defendeu, sem permitir que treinos e exercícios venham a público, como muito já se viu acontecer depois que um artista se vai.

Aqui fica este poeta que se foi. Estranho e estrangeiro na experiência vida. Mas porque é ex-estranho, quem sabe, agora, totalmente em casa. Curado da tarefa de viver, esse, para quem “viver não tem cura”.

\* Texto introdutório à primeira edição de *O ex-estranho* (São Paulo: Iluminuras, 1996).

## **o ex-estranho\***

*Wilson Bueno*

Esta é provavelmente a última reunião de poemas inéditos de Paulo Leminski.

Ainda uma vez, sua maior interlocutora, a poeta Alice Ruiz S, fica com a parte mais difícil — reandar estes caminhos, trilhar pela via da ternura, sem perder o rigor jamais, as fabricações febris deste que é um dos poetas fundamentais de uma geração que nos deu, entre outros, Caetano Veloso e Antonio Risério, João Câmara e Júlio Bressane.

A Alice (e também a Áurea Leminski) devemos a garimpagem que aqui se expõe, o gosto da escolha que não me pareceu nenhuma vez arbitrária. Diálogo mudo este que se estabelece de coração para coração. Mas ainda diálogo pelo que a memória deixa posto em código na trama da vida, para além da morte, de qualquer morte. Impossível, pois, a recusa em reconhecer nesse trabalho aparentemente “menor”, a sua inextricável grandeza. Tarefa duríssima, ninguém duvida, responder quantos Leminskis cabem num só Leminski.

E o que floresce nestas páginas é, ainda e sempre, o mesmo Leminski; se bem que um pouco errante, nômade, e outras tantas exilado de si mesmo, no poema como na vida, o Leminski que lemos continua sendo o inventor afiado dos mais finos uivos dissonantes. *O ex-estranho*. Aquele que se reconhece a cada verso como uma coisa ida, como uma coisa indo. Há aqui, muitas vezes, um *frisson* de vida esfolada vida. Mas tudo é vida, ou “máguas” ao redor de um fado.

Mesmo na lírica amorosa (“Parte de AM/OR”), datada em tempos diversos, o poema se quer à espreita, uma aranha que fiasse todo o segredo da teia sem deixar de exhibir, ao final e ao cabo, o triunfo da vigília. A ciência da aranha? Uma artesanaria de sustos.

*O ex-estranho*. Em que ilha Paulo Leminski cifra esta estética de arrepios? De signos entrecortados pelo dom da surpresa, animados pelo amor ao súbito, ao lúdico e ao abismo — um sopro invariavelmente novo na sempre melancólica estância seresteira que é, sabemos, o país.

Este, senhores, nem parece um livro póstumo tanto continua viva nele a graça cheia de graça do poeta Paulo Leminski.

\* Texto publicado nas orelhas da primeira edição de *O ex-estranho* (São Paulo: Iluminuras, 1996).

Copyright © 2013 by herdeiros de Paulo Leminski  
*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa  
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Arte dos poemas em *Sol-te*, seção de *Caprichos e relaxos*  
retamozo, mirandinha, solda, swain, bellenda, fui vai, tiko

*Capa e projeto gráfico*

Elisa von Randow

*Preparação*

Jacob Lebensztayn

*Revisão*

Huendel Viana

Luciane Helena Gomide

ISBN 978-85-8086-625-4

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707 3500

Fax (11) 3707 3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)